

# Passos do Concelho 96



**40**  
**ANOS**  
**ABRIL**



## index

- 003** ABERTURA  
EDITORIAL
- 004** 25 DE ABRIL  
INTRODUÇÃO
- 006** ABRIL EM MAIO  
TAMBÉM EM ABRANTES
- 010** ABRIL EM ABRANTES  
40 ANOS DE ABRIL
- 012** INFRAESTRUTURAS
- 014** ECONOMIA
- 018** EDUCAÇÃO
- 022** CULTURA
- 026** DESPORTO

- 032** VIVER ABRIL  
ENTREVISTAS
- 033** JOSÉ DOS SANTOS DE JESUS
- 036** ABÍLIO DIAS ALVES
- 038** CARLOS ALBERTO MARCHÃO
- 040** TERESA APARÍCIO
- 042** VIRGÍLIO RAPAZOTE
- 044** AMÂNDIO MENDES
- 046** HELENA BANDOS
- 048** MANUEL DIAS
- 050** EURICO HEITOR CONSCIÊNCIA
- 052** LUÍS FEIJÃO
- 054** ISABEL CAVALHEIRO
- 056** ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO  
MARCELLA CASTELLANO  
JOÃO SILVA  
PATRÍCIA CATARINO  
ANA MARTA SOUSA
- 058** ALUNO DO ENSINO SUPERIOR  
MICAEL REIS
- 059** CRONOLOGIA  
40 DATAS DE ABRIL  
EM ABRANTES E NO PAÍS

#96

**PASSOS DO CONCELHO**  
BOLETIM INFORMATIVO  
DA CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES  
**EDIÇÃO ESPECIAL 40 ANOS ABRIL**  
N.º 96  
ANO 20  
DATA **ABRIL 2014**  
DIRECTORA  
**PRESIDENTE DA CÂMARA  
MUNICIPAL DE ABRANTES**  
PROPRIEDADE  
**MUNICÍPIO DE ABRANTES**  
**PRAÇA RAIMUNDO SOARES**  
**2200-366 ABRANTES**  
COORDENAÇÃO E EDIÇÃO  
**GABINETE DE COMUNICAÇÃO / CMA**  
TEXTOS  
**JOSÉ MARTINHO GASPAR**  
**GABINETE DE COMUNICAÇÃO / CMA**  
EDIÇÃO GRÁFICA / INFOGRAFIA  
**GABINETE DE COMUNICAÇÃO / CMA**  
FOTOGRAFIA  
**GABINETE DE COMUNICAÇÃO / CMA**  
**ARQUIVO MUNICIPAL EDUARDO CAMPOS / CMA**  
IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
**GRÁFICA ALMONDINA**  
**TORRES NOVAS**  
DEPÓSITO LEGAL  
**78644/94**  
TIRAGEM  
**5000 EX.**  
PUBLICAÇÃO  
**TRIMESTRAL**

\*TODOS OS TEXTOS  
FORAM ESCRITOS  
AO ABRIGO DO NOVO  
ACORDO ORTOGRÁFICO.

## EDITORIAL

# Viver Abril enquanto projeto de esperança

Vivemos os 40 anos de Abril de 74. Apesar dos atropelos aos valores e ideais, às conquistas por concretizar, vale a pena viver de novo Abril. Para não perdermos o rumo.

‘Falar desse dia como um projeto de esperança, não vindo do passado, mas como um projeto de futuro’.\*

Lembramos o que eramos e o que passámos a ser. O que fizemos e o que deixámos por fazer. Não por saudosismo. Não como lamento. Mas para dizermos o que queremos ser.

Conquistámos a Democracia. Ganhámos a Liberdade. Valores que importa preservar. Vontade e compromisso. Sinónimos que cada um de nós tem que apreender, para dar sentido à nossa vida individual e coletiva.

‘É necessário que, adaptado aos tempos de hoje, aquilo que foi a esperança do 25 de Abril de 74 se mantenha’.\*

É de Esperança que queremos falar. ‘Que aconteça um rasgão contra o medo na consciência de cada um’.\*

O futuro precisa de cada um de nós. O futuro conta connosco. Juntos, solidários livres. É de futuro que falamos quando celebramos Abril.

Como diz Miguel Torga ‘É necessário que esgotado o cálice da amargura, surja a bebedeira de esperança. A humanidade quer seguir viagem’.

Viva Abril, sempre!

\*As citações são da Escritora Lúcia Jorge a propósito do seu novo romance ‘Os Memoráveis’.



Viva Abril,  
sempre!

Maria do Céu Albuquerque

► Presidente da Câmara  
Municipal de Abrantes



# 25 ABRIL

**Esta é a madrugada que eu esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e do silêncio  
E livres habitamos a substância do tempo**

SOPHIA DE MELLO BREYNER

A Revolução arrancou na madrugada de 25 de abril de 1974 quando, vinte e nove minutos depois da meia noite, a Rádio Renascença difundiu a senha, a música *Grândola Vila Morena*, de Zeca Afonso. As unidades militares envolvidas abandonaram os quartéis e avançaram em direção aos alvos que deveriam ocupar. As estações de rádio, a televisão, o aeroporto e os ministérios foram rapidamente controlados pelas forças revolucionárias. O comando das operações do golpe encetado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) esteve a cargo de Major Otelo Saraiva de Carvalho.

O chefe do governo, Marcelo Caetano, e outros membros do executivo procuraram refúgio no quartel-general da GNR, no Largo do Carmo, em Lisboa. Na sequência do cerco efetuado pelas tropas do Capitão Salgueiro Maia, Marcelo Caetano acabou por se render.

A população portuguesa reagiu com entusiasmo à revolução. Embora aconselhados pela televisão e pelos jornais a permanecerem em suas casas, muitas pessoas juntaram-se, nas ruas, aos soldados. Algumas mulheres começaram a distribuir cravos vermelhos pelos soldados, que os colocaram nos canos das espingardas, e rapidamente esta flor transformou-se no símbolo da revolução, da *Revolução dos Cravos*.

Num registo quase telegráfico, é assim que se pode contar o que aconteceu no dia 25 de abril de 1974, a que há que juntar as primeiras transformações que o país sentiu. Libertados os presos políticos, foram suprimidas as principais instituições do Estado Novo (PIDE/DGS, Legião Portuguesa, Ação Nacional Popular, Mocidade Portuguesa e Censura/Exame Prévio), abrindo-se espaço para a instauração de

um regime democrático e pluripartidário. Os anos de 1974 e 1975 ficaram ainda marcados pela independência das ex-colónias portuguesas em África e pelo regresso de mais de meio milhão de portugueses, os “retornados”.

A contestação ao Estado Novo vinha de longe, ainda que o Movimento de Unidade Democrática (MUD), nas legislativas de 1945, e o General Norton de Matos, nas presidenciais de 1949, tenham recuado com as suas candidaturas, por não disporem de condições de igualdade face aos candidatos do regime. As eleições presidenciais de 1958, com uma dinâmica extraordinária em torno da figura do General Humberto Delgado, a ação de intelectuais e artistas de várias áreas e a contestação estudantil, a par da ação do Partido Comunista na clandestinidade, despertaram consciências num país que vivia adormentado. Com a substituição de Salazar por Marcelo Caetano, em 1968, a “Evolução na Continuidade” fez-se “Primavera Marcelista” e, depois de criar espaço para alguma abertura, com a eleição de deputados da Ala Liberal nas listas da Ação Nacional Popular (ANP) ou com o regresso do exílio de D. António Ferreira Gomes, fez-se “Liberalização Bloqueada”.

A par de todas as restrições das liberdades, o prolongamento dos conflitos coloniais e a manifesta incapacidade para uma vitória militar, reconhecida em fevereiro de 1974 pelo General António de Spínola em *Portugal e o Futuro*, legitimaram a saída das tropas para a rua na noite de 24 para 25 de abril de 1974.

## O DESPERTAR DE ABRANTES

A realidade abrantina, apesar de bastante fechada, rural e conservadora, viveu, desde finais dos anos sessenta, alguns rasgos de mudança. A instalação de novos estabelecimentos de ensino, nomeadamente da Secção do Liceu Nacional de Santarém, em 1967, e, muito especialmente, do Ciclo Preparatório, em 1968, fizeram chegar à cidade jovens professores, com consciência política e com a noção de que, através da sua ação poderiam, pela via pedagógica

ou cultural, criar uma nova dinâmica local.

Alguns destes jovens docentes estiveram entre os fundadores, em 1969, o *Cineclube de Abrantes* e este, conjuntamente com uma multiplicidade de entidades locais, por proposta da Associação para o desenvolvimento da Região de Abrantes (A.R.A.), organizaram as *Jornadas Culturais*, em 1970 e 1971. A primeira edição das *Jornadas Culturais*, com centenas de voluntários entre os organizadores, revelou-se particularmente rica e teve o condão de chamar a atenção do país para a cidade de Abrantes, colocando-a nas páginas dos jornais nacionais, na rádio e na televisão. Na programação de 1970 surgiu um conjunto de atividades, como a presença de Zeca Afonso ou uma instalação (cemitério, em alusão às guerras coloniais) de Manuel Granjeiro Crespo e Luiz Pacheco, no Jardim da República, que podem enquadrar-se numa dinâmica de oposição ao regime vigente.

Ainda que a oposição não se encontrasse organizada, existia um conjunto de personalidades que colaborava em comícios, campanhas eleitorais e auxiliava na distribuição de listas para votar, que tiveram, com a chegada do Dr. Eurico Heitor Consciência a diretor do jornal *Correio de Abrantes*, um novo meio para chegar à opinião pública. O *Correio de Abrantes* fez esclarecimento e abertura de mentalidades e foi uma pedrada no charco daquele tempo – como, na altura, foi apontado pelo *República* e pelo *Expresso* (pela mão de Marcelo Rebelo de Sousa). Esta atitude, porém, levaria, em março de 1974, ao afastamento do seu diretor.

Também os *Jogos Juvenis*, com edições sucessivas entre 1970 e 1973, e as conversas de alguns mais politizados com jovens estudantes na biblioteca, terão contribuído para uma sucessiva consciencialização política dos mais novos. Não é, pois, de estranhar que, em outubro de 1973, aquando da campanha para as legislativas, tenham ocorrido, em simultâneo, sessões de propaganda da ANP, no Cine-Teatro S. Pedro, e da CDE (Comissão Democrática Eleitoral), no Cine-Teatro de Alferrarede, com esta a ser vigiada por forte aparato policial.



# ABRIL EM MAIO TAMBÉM EM ABRANTES

**Não anoiteceu. Anoitecia  
Naquela noite fria.  
Mas quando a manhã abriu,  
A todo o mundo o seu véu,  
Ninguém disse que ele nascia  
... Que o dia já nasceu.**

JOSÉ - ALBERTO MARQUES





Tal como aconteceu em Lisboa, onde 500 000 saíram à rua, foi no 1.º de Maio de 1974 que a população abrantina saudou a revolução de 25 de Abril. Aproveitando o simbolismo do *Dia do Trabalhador*, que o regime cessante não permitia que se comemorasse, as ruas de Abrantes foram inundadas por mais de 5000 pessoas, que saudaram o MFA e se regozijaram com os tempos novos que Abril prometia. Também aqui, o 25 de Abril, que soara na rádio, crescera nos jornais e ganhara forma na televisão, passeou-se vaidoso pelas ruas floridas a 1 de maio.

O *Correio de Abrantes*, em subtítulo, destaca a “dignidade e exemplar civismo” com que decorreu a manifestação do 1.º de Maio. O mesmo órgão da imprensa escrita local informa que “Abrantes faz um desfile apoteótico como jamais fizera. Mais de 5000 pessoas”. Aquele que se assumira como destacado arauto da contestação ao regime marcelista, com um jornalismo de manifesta qualidade, capaz de contornar com perícia algumas barreiras censórias, deu especial atenção a toda a envolvimento de 25 de Abril e também à manifestação do 1.º de Maio. Podia ler-se: “Inequívocas provas de civismo deram todas as pessoas que se concentraram no Largo da Feira [ver caixa], que, em incontida alegria, formaram uma multidão de uma grandiosidade perfeitamente extraordinária. Bandeiras Nacionais, dísticos que nos diziam o calor sentido, dos jovens, pessoas idosas, rapazes, raparigas, todos manifestantes encheram as ruas, cantando com a presença demonstrada de uma deliciosa satisfação”. Terão sido alguns estudantes do Liceu de Abrantes, nomeadamente Mário Semedo, Jorge

Lacão e Geirinhas Rocha, quem, face ao imobilismo da oposição democrática local, logo após o 25 de Abril, propuseram ao Comandante do Regimento de Infantaria 2 a realização da manifestação cívica a 1 de maio. Perante alguma hesitação do seu interlocutor, justificada com juventude dos proponentes, estes voltaram à carga, da segunda vez na companhia dos Drs. Francisco Correia Semedo e Orlando Pereira, e a autoridade militar acabou por autorizar a manifestação, ainda que tenha mostrado vontade de afastar o cortejo dos bancos (por reचार assaults) e não tenha permitido que a mesma se deslocasse ao quartel. O *Jornal de Abrantes* conta que, de acordo com “[...] as determinações transmitidas pela Junta de Salvação Nacional, esta manifestação, festejando o Dia do Trabalhador e apoiando as Forças Armadas, foi uma autêntica e extraordinária demonstração de civismo. Como estava anunciado, pelas 15 horas, na Esplanada Dr. António Augusto da Silva Martins, grande multidão ali se concentrou, partindo em cortejo pelas ruas da cidade até à Praça do Município, vendo-se, por todo o lado, inúmeros dísticos e cartazes com frases alusivas ao momento. Ali chegado o desfile, a praça foi pequena para conter os milhares de manifestantes”. As fotografias de Fernando Correia e as imagens captadas por Carlos Madeira permitem-nos ler algumas das frases e palavras de ordem presentes nos cartazes e faixas exibidos durante esta jornada: «Liberdade», «Fim da Guerra Colonial», «O Povo Unido Jamais Será Vencido», «Tramagal Está Com as Forças Armadas», «Queremos Uma Escola Livre e Popular», «Jovens de Abrantes [...] Que a Sua População Saiba Ser Digna do Momento Presente» e «Viva Portugal [...]». Quanto a símbolos, destacavam-se várias bandeiras nacionais (uma de grandes dimensões) e uma bandeira do PCP. Parece ser consensual o papel dos estudantes na organização da manifestação. Mário Pissarra reconhece, contudo, que a definição da chefia do cortejo gerou alguma controvérsia. Este professor de Filosofia, então bastante jovem, que mantinha grande cumplicidade com



os estudantes, reconhece que foi ele próprio quem se dirigiu aos alunos portadores de cartazes e lhes disse para irem para a cabeça da manifestação, por ter a sensação que muitos, apesar de nada terem feito, queriam ganhar protagonismo. A primeira paragem fez-se no Jardim da República, junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra 1914-1918. Ainda segundo o *Correio de Abrantes*, o papel principal coube à “[...] juventude que encabeçava a multidão imensa. Muitos rostos com lágrimas entoaram o hino da nossa libertada República acompanhados por milhares de bocas”. Na Praça do Município, a multidão deteve-se para ouvir vários discursos, proferidos a partir da varanda da Câmara Municipal: “[...] foi dada a palavra aos srs. Dr. Orlando Pereira, Dr. Correia Semedo, Dr. Eurico Consciência, Prof. José Alberto, estudantes Jorge Lacão e Geirinhas Rocha. Todos os oradores focaram o momento que vivemos, alertaram os portugueses para uma tomada de posição em prol dum Portugal Maior e Livre, e foram unânimes em prestar o seu agradecimento às Forças Armadas. Em nome destas falou o Tenente-Coronel Neves, 2.º Comandante do R. I. 2 [...]”. Este militar, ao contrário do que estava previsto, perante o carácter pacífico da manifestação, convidou a população a deslocar-se ao quartel da cidade. Todos os discursos foram interrompidos por aplausos efusivos, que brotaram de uma multidão entusiasmada e esperançada na construção de um Portugal melhor.

Também em relação a quem deveria discursar na varanda da Câmara Municipal, não terá havido consenso e, igualmente nesta situação, sem que tal tenha passado para os manifestantes ou para a imprensa, ter-se-ão chocado interesses diversos. José - Alberto Marques, um dos palestrantes, conta que “tudo se compôs, discursando uns e outros, sublinhando que a dignidade de alguns autoexcluídos mais abrilhantou aquele dia de sol”. De seguida, o rio de gente que inundou Abrantes neste 1.º de Maio de 1974, correu pelas ruas e, de sorriso nos lábios, desaguou no Regimento de Infantaria 2, onde foi agradecer aos militares o papel determinante que tiveram no 25 de Abril. Neste percurso, em que a coluna se alongou, as imagens permitem que se perceba o quão diversificada era a gente que integrava a manifestação. A irreverência dos rapazes guelhdudos e das raparigas de minissaia misturava-se com o misto de esperança e alívio que marcava a expressão de populares provenientes das zonas rurais. Ao som da Banda de Rio de Moinhos, gente de todas as idades e condições uniu-se para festejar o novo regime.



1.º DE MAIO de 1974, NAS RUAS DA CIDADE. MILHARES DE PESSOAS SAIRAM À RUA, DO CENTRO HISTÓRICO DESLOCARAM-SE ATÉ AO QUARTEL. NA VARANDA DO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO DISCURSA CORREIA SEMEDO, QUE VIRIA A PRESIDIR À COMISSÃO ADMINISTRATIVA, ANTES DAS PRIMEIRAS ELEIÇÕES LIVRES.

### DE LARGO DA FEIRA A ESPLANADA 1.º DE MAIO

A designação oficial do largo onde se juntaram os manifestantes era, desde 1941, Esplanada Dr. António Augusto da Silva Martins, ainda que continuasse a ser normalmente designado por Largo da Feira, por aí se realizarem as feiras anuais e os mercados semanais. A 14 de Abril de 1976, a Câmara Municipal de Abrantes atribuiu-lhe a designação de Esplanada 1.º de Maio, a que não foi estranho o facto ter sido o local em se concentraram os milhares de participantes na manifestação de 1 de maio de 1974.





# 40 ANOS ABRIL

O que se propõe nas próximas páginas é efetuar uma análise de 40 anos de 25 de Abril em Abrantes. Nenhuma apreciação é fácil e esta, por maioria de razão, apresenta-se particularmente delicada. Constitui, porém, um exercício interessante olharmos para uma determinada realidade em 1974 e, a seguir, fazermos a comparação com aquilo que ela é nos dias que correm.

Nas páginas seguintes, relativamente às infraestruturas, à economia, à educação, à cultura e ao desporto no concelho de Abrantes, tentar-se-á o exercício. Para além da comparação, procurar-se-á perspetivar alguns percursos. Serão trazidos à superfície do tempo alguns acontecimentos, com o objetivo de ilustrar uma ou outra ideia. Não procure aqui todos os factos, porque seria impossível considerá-los nesta abordagem. Não pretenda encontrar nesta páginas a história dos últimos 40 anos, porque ela está por fazer.

# INFRAESTRUTURAS E FEZ-SE LUZ!

## INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS

Se há área em que as transformações se fizeram sentir, desde 1974, ela é a das infraestruturas públicas. Começa-se com uma abordagem que se circunscreve ao fornecimento de eletricidade, à rede viária, ao abastecimento de água e ao saneamento básico. Mais adiante, a propósito de outros temas, referenciar-se-ão infraestruturas mais específicas, entretanto construídas ou renovadas.

Não será por acaso que José dos Santos de Jesus, que viria a ser primeiro Presidente da Câmara Municipal de Abrantes eleito após o 25 de Abril, foi o responsável, na comissão administrativa que tomou posse a 17 de julho de 1974, pelas áreas da água e eletricidade.

## E FEZ-SE LUZ

Na sequência da Revolução de Abril, em 1975, treze unidades regionais ligadas à eletricidade foram nacionalizadas e, no ano seguinte, foi criada a empresa estatal Eletricidade de Portugal (EDP), a qual, entre outras finalidades, foi encarregue da eletrificação de todo o país. De 1974 a 1984, desenvolveu-se um programa de eletrificação de zonas rurais, abrangendo todo o território nacional, com incidência, sobretudo, na melhoria da qualidade do serviço.

Foi assim que, na primeira década após 1974, a eletricidade surgiu nas zonas mais distantes da sede do concelho de Abrantes. As pequenas aldeias do norte do concelho eram aquelas onde a “luz”, como se dizia nesses lugares, não tinha chegado ainda. Em abril de 1980, o fornecimento de energia elétrica foi inaugurado na Atalaia, na freguesia do Souto; no ano seguinte, em outubro, Água das Casas e Vale de Açor passaram a ter acesso à eletricidade; em Vale de Tábuas, tal aconteceu em março do ano seguinte; ainda que mais próximo de Abrantes, o Casal das Manças só teve acesso a energia elétrica em setembro de 1982; por sua vez, a Medroa foi eletrificada em fevereiro de 1983. Assim, em 1984, 94% das localidades do concelho de Abrantes estavam servidas pelo fornecimento de energia elétrica.

De 1984 a 1994, concluiu-se o Programa de Eletrificação Agrícola, atingindo-se a quase totalidade da eletrificação do concelho. Daí em diante, a intervenção passou a ser orientada para a renovação e melhoria das redes, com o objetivo de aumentar a qualidade do serviço.

## REDE VIÁRIA

O 25 de Abril encontrou o país com uma rede viária bastante desqualificada, em que abundavam os maus traçados, muitas estradas com piso deplorável e sem bermas. Se os arruamentos urbanos não estavam nas melhores condições, com o piso em mau estado e habitualmente sem passeios, as áreas rurais encontravam-se manifestamente em pior situação. Estas condições foram agravadas com a implantação de novas redes de abastecimento de água e também, ainda que em menor escala, devido à concretização de obras de saneamento.

A primeira década pós-25 de Abril caracterizou-se mais pela quantidade das intervenções do que pela sua qualidade e dimensão. Das cerca de 200 obras realizadas neste período, 175 fizeram-se em espaços rurais.

Nos dez anos seguintes, de 1985 a 1994, manteve-se ainda um número elevado de intervenções, que ultrapassaram uma centena e meia, 20% das quais ocorreram em freguesias fora do perímetro urbano de Abrantes. Muitas das reivindicações das populações junto da Câmara Municipal, nestes primeiros vinte anos de poder local democrático, visaram exatamente o mau estado das estradas e arruamentos. Já corria o ano de 1995 quando a população de Tubalar, na freguesia de Alvega, boicotou as eleições legislativas em virtude do mau estado da estrada de acesso à localidade.



ESTAÇÃO SOBREELEVATÓRIA DA SAMARRA.  
À DIREITA, ACESSO AO CASTELO DO BODE.



Em 1993, numa altura em que se caminhava para a plenitude das localidades do concelho com abastecimento domiciliário de água, os Serviços Municipalizados de Abrantes decidiram avançar para o projeto de abastecimento da cidade de Abrantes a partir da albufeira de Castelo do Bode, por administração direta. As obras iniciaram-se em 1999, em 2002 Aldeia do Mato e Martinchel começaram a beneficiar desse fornecimento, iniciando-se o abastecimento da Abrantes em junho de 2003. O sistema, na atualidade, abastece mais de 18.000 habitantes e tem capacidade para fornecer água a todo o concelho.

No que diz respeito ao saneamento, em 1974, apenas existiam, no concelho, redes de saneamento em Abrantes (centro histórico), Tramaçal, Rossio e Rio de Moinhos, estas duas últimas freguesias sem qualquer tratamento dos efluentes. Na primeira década pós-25 de Abril, construíram-se redes em Arreciadas, Abrançalha-de-Cima, Abrançalha-de-Baixo, Paul, Pego, Amoreira, Casais de Revelhos, Sentieiras, Alferrarede e Alferrarede Velha. Em 1984, encontravam-se servidos cerca de 40% dos alojamentos.

Em 1994, o concelho tinha aproximadamente 55% de alojamentos servidos com rede de saneamento.

Na década de 2005 a 2014, ocorreu uma profunda alteração do sistema de gestão das redes de saneamento com a sua privatização através da concessão das redes. Neste período, foram instaladas novas redes em Mouriscas, Aldeia do Mato, S. Facundo, Fontes, Vale das Mós e Pessegueiro, Areias, Monte Galego, Ventoso, Ribeira Fernando, Carreira do Mato, Portelas, Carril, Sobral Basto, Barrada, Tubalar, sendo previsível que, no final da atual década, 93% dos residentes do concelho disponham de rede de saneamento.

## ÁGUA E SANEAMENTO

No concelho de Abrantes, em 1972, existiam 8687 ligações domiciliárias de abastecimento de água para cerca de 20.000 alojamentos (43%, superando em 3% a média nacional). Na mesma altura, treze das quinze sedes de freguesia possuíam rede de abastecimento, que em alguns casos era parcial, faltando apenas a Aldeia do Mato e o Souto.

Pondo de lado as sedes de freguesia, em 1974, 40 das 49 localidades do concelho de Abrantes com mais de 100 habitantes não tinham sistemas de abastecimento domiciliário de água. Havia, pois, ainda muito por fazer neste domínio e mesmo aqueles que estavam servidos não se mostravam satisfeitos com as condições do fornecimento. Exatamente um mês volvido sobre a Revolução, realizou-se uma manifestação de habitantes do Pego, junto do edifício da Câmara Municipal, em que era reivindicado um eficiente abastecimento de água à freguesia.

O quadro que se segue dá uma boa imagem da forma como evoluíram as redes de abastecimento:

ANOS	1972	1983	1995	2005
LOCALIDADES	30	58	88	TODAS
COM TRATAMENTO	7	9	57	TODAS

O Souto, sede de freguesia sem água ao domicílio, passou a ser abastecido em 1984, no mesmo ano da Barrada ou das Bicas, na Chaminé tal aconteceu em 1990, em Água Travessa em 1995, enquanto que na Aldeia do Mato, a última das sedes de freguesia a ter fornecimento domiciliário, o abastecimento foi inaugurado em 2003.

Na terceira e quarta décadas, isto é, de meados dos anos noventa à atualidade, o número de projetos executados ficou abaixo da centena, sendo, no entanto, de maior dimensão. Neste período, predominaram as obras de requalificação urbana e de instalação de novos equipamentos. Entre outras, merecem especial destaque a requalificação das principais artérias do espaço urbano, não só de Abrantes, mas também do Rossio ao Sul do Tejo e de Alferrarede, e as intervenções na cidade, como a requalificação do Centro Histórico de Abrantes, no final dos anos noventa.

No que concerne às acessibilidades ao concelho de Abrantes, através de vias estruturantes, de dimensão inter-regional e mesmo nacional, em 1995 abriu ao trânsito a Variante à Estrada Nacional 2, entre Alferrarede e Vila de Rei, facilitando a ligação com a região do Pinhal Interior. Em 1999, passou a ser possível circular de Alferrarede até Torres Novas através do IP6, transformada em A23 a partir de 2003, permitindo a ligação, através desta via rápida, com a Beira Alta. A A23, concebida como meio de discriminação positiva do interior, enquanto autoestrada sem custos para o utilizador, sofreu constrangimento incontornável quando foi, em 2011, taxada com portagens eletrónicas.

Na atualidade, para facilitar a ligação com o sul do concelho, em particular com a freguesia de Tramaçal, Abrantes continua a aguardar a abertura do troço do IC9 e da consequente construção da ponte rodoviária sobre o Tejo.



# ECONOMIA ‘É A ECONOMIA, PÁ!’

Em 1974, a economia do concelho de Abrantes encontrava-se marcada por uma forte ruralidade, escassa qualificação, baixa competitividade e por uma cultura empresarial de base familiar.

No mudo rural, a sul do concelho predominavam propriedades de maior dimensão, muitas detidas por famílias mais abastadas, razoavelmente mecanizadas, onde a exploração agrícola mais intensiva e a extração de cortiça proporcionavam rendimentos significativos. No norte do concelho predominava o minifúndio, a pequena propriedade familiar, explorada com métodos arcaicos, onde se obtinha uma produção que se destinava apenas à subsistência. Os rendimentos auferidos através do pinhal desempenhavam um importante complemento para a sobrevivência das famílias, uma vez que, apesar da pequena dimensão das mesmas, garantiam um importante rendimento periódico, através da extração de resina ou por via do corte dos pinheiros. Em aldeias onde se vivia em condições muito difíceis, dos pinhais extraía-se ainda mato para os currais dos animais e recolhia-se lenha para as lareiras.

A nível comercial, para além dos estabelecimentos comerciais tradicionais abertos ao público, mais ou menos especializados, Abrantes – em especial a partir de Alferrarede – funcionava como um importante centro de distribuição de mercadorias, da área agrícola e da construção e também do setor alimentar, que daqui seguiam para o Alto Alentejo e para a Beira Baixa.

Na indústria, o grande empregador era a Metalúrgica Duarte Ferreira, em Tramagal, ainda que, ao ser intervencionada, na sequência do 25 de Abril, tenha agravado uma situação de crise que já sentia desde os anos 60. Desintervencionada em 1979, constatar-se-ia que estes cinco anos de gestão administrativa conduziram a empresa a uma situação particularmente difícil, a ponto de, no começo dos anos 80, começar a pairar o espectro da falência. Em outubro de 1980, o Ministro da Indústria e Energia, Álvaro Barreto, em visita ao Tramagal afirmou estarem assegurados os 2300 postos de trabalho. A partir de 1984, a situação laboral na Duarte Ferreira tornou-se particularmente grave, em 1994 foram vendidos judicialmente os bens penhorados e em 1995 a empresa foi extinta.

No setor industrial, há ainda a destacar a produção de azeite, onde a empresa Vítor Guedes ocupava já uma posição cimeira no panorama nacional, tendo sido galardoada com o troféu *TANIT 81*, pela melhor imagem de marca do seu azeite *Gallo*. Nas aldeias, enquanto atividade transformadora, era também o azeite que tinha lugar de destaque e, imbuídos do espírito associativo da época, os pequenos produtores criaram cooperativas, que lhes possibilitavam efetuar a moagem da sua azeitona de forma menos dispendiosa: em outubro de 1982, foi criada a Cooperativa Agrícola de Olivicultores de Sentieiras, já em novembro de 1993, constituíram-se as cooperativa COAGRIOLIMO, de Mouriscas, e a Cooperativa Agrícola de Olivicultores de S. Faundo, entre tantas outras. O Grémio da Lavouira, organização corporativa do setor agrícola do Estado Novo, foi transformado, na região, em 1978, em Abrantejo – Cooperativa Agrícola de Abrantes, Constância, Mação e Sardoal.



Tal como aconteceu por todo o país, a abertura de novos serviços, por exemplo nas áreas da educação e da saúde, fizeram com que a população no setor primário diminuísse significativamente, dando-se uma progressiva terciarização da economia local. Em Abrantes, contribuíram especialmente para este fenómeno o aumento de alunos a frequentar as escolas, com a massificação progressiva do ensino, e a abertura do Hospital Distrital de Abrantes, em outubro de 1985. O Hospital Distrital, rebatizado Hospital Distrital de Abrantes Dr. Manoel Constâncio, em 1992, com todas as suas valências e técnicos, contribuiu para que aqui se tenham tornado frequentes as atividades de formação na área da saúde, de que as *I Jornadas de Cuidados de Saúde de Primários de Abrantes* (1989) e as *I Jornadas dos Técnicos de Diagnóstico e Terapêutica do Hospital Distrital de Abrantes* (1991) foram os primeiros exemplos.



EM 1974, A ECONOMIA EM ABRANTES ERA MARCADA POR UMA FORTE RURALIDADE, ESCASSA QUALIFICAÇÃO, BAIXA COMPETITIVIDADE. [EM BAIXO] MONTRA NO CENTRO HISTÓRICO.

O associativismo não se ficou, porém, pela formação de cooperativas no setor agrícola, pois também no comércio e na indústria as empresas se associaram, estreitando relações com as empresas dos concelhos vizinhos, na tentativa de se protegerem e de, em conjunto, se tornarem mais fortes. A Associação Comercial dos Concelhos de Abrantes, Constância e Sardoal teve os seus com estatutos aprovados em 1975, mais tarde, organizou-se a Associação dos Agricultores de Abrantes, Constância, Sardoal e Mação e estabeleceu-se o núcleo local do NERSANT, para os concelhos de Abrantes, Constância, Mação e Sardoal.

O comércio abrantino, onde a indústria do entretenimento sofreu marcantes transformações no começo dos anos 80, com a abertura da discoteca *JET BEE*, beneficiou bastante com a presença significativa de quartéis na região. Muitos militares do Regimento de Infantaria N.º 2, na cidade, dos aquartelamentos de Tancos e do Campo Militar de Santa Margarida, ao fim do dia, vinham à cidade, constituindo uma parcela importante da clientela de cafés, bares e discotecas. Porém, vários cafés tradicionais não resistiram aos novos tempos, como aconteceu com a Casa Vigia, a mais antiga pastelaria-café da cidade, que encerrou no final de 1992, ou o café-restaurante O Pelicano, que cessou a sua atividade em 1998.

Nos anos 80 assistiu-se à instalação de novas unidades industriais no concelho, as mais importantes ligadas ao setor automóvel, que subsistiram até à atualidade, ainda que com múltiplas transformações, e continuam a ser dos maiores empregadores do concelho. Em junho de 1981, o Governo autorizou que a sociedade francesa *DBA Societé Anonyme* instalasse em Alferrarede uma unidade industrial com vista ao fabrico e montagem de dispositivos de travagem. Em fevereiro de 1992, foi inaugurada, no Tramagal, a fábrica de montagem de viaturas *Mitsubishi*, registada com a designação de TRAMAGAUTO. Em março de 1993, entrou em funcionamento a Central Termoeléctrica do Pego, cujas obras se haviam iniciado em 1986.

Na sequência da adesão de Portugal à Comunidade Europeia, desencadearam-se novas dinâmicas económicas locais, que não podem ser desligadas da disponibilidade de fundos comunitários de que o país beneficiou. Em 1992, A Câmara Municipal aprovou os estatutos da ADIRI – Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Interior, que se transformaria em TAGUS em 1995.



O CENTRO HISTÓRICO  
NA DÉCADA DE 70.



A CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL.



ALFERRAREDE. ONDE SE LOCALIZOU A CUF E MAIS TARDE NASCEU O PARQUE INDUSTRIAL.

Daqui em diante, assistiu-se à afirmação e reconhecimento externo de projetos geridos de forma eficiente e profissional. Em junho de 1994 os vinhos *Casal da Coelheira* e *Terraços do Tejo*, do Tramagal, receberam os primeiros prémios no *X Concurso de Vinhos Engarrafados do Ribatejo*; já no ano anterior, o primeiro destes vinhos havia conquistado o 2.º prémio de vinhos brancos no 56º concurso *O Melhor Vinho da Produção - 1992*, organizado pelo Instituto da Vinha e do Vinho. Em 1998, o restaurante A Cascata, de Alferrarede, conquistou o primeiro prémio no *Concurso Nacional de Gastronomia*, na categoria de “peixes e mariscos”, apresentando para o efeito um prato de achigã com migas.

A agro-indústria soube afirmar-se, com alguns setores a sofrerem saltos significativos de qualidade, como o azeite, o vinho e o mel, capazes de conquistar mercados no exterior. Não será estranha a estes avanços a instalação, nas Mouriscas, da Escola Profissional de Desenvolvimento Rural, que fez chegar aos jovens formandos as práticas mais inovadoras e as áreas com maiores potencialidades. Mais recentemente, a estratégia dos cabazes PROVE, para levar os legumes frescos diretamente do produtor ao consumidor, revelou que tem pernas para andar.

Os novos usos para matérias primas tradicionais têm dado que falar e, localmente, a SOFALCA, tem sabido, em estreita parceria com reconhecidos designers, explorar estes novos mercados.

No norte do concelho, porém, apesar da mecanização possível da agricultura, com a introdução de motocultivadores, o rendimento dos pequenos agricultores sofreu sérios reveses, decorrentes de grandes incêndios florestais. Paulatinamente, a mancha florestal alterou-se, com a substituição do pinheiro bravo pelo eucalipto. As propriedades deixaram de ser limpas, devido ao envelhecimento da população, que não necessita do mato e da lenha. A floresta desordenou-se e continua a não estar preparada para que haja facilidade no controlo de focos de incêndio.

Entretanto, foram-se instalando em Abrantes múltiplas empresas de serviços em diferentes domínios, respondendo às necessidades dos novos tempos, como clínicas médicas, institutos de ensino de línguas estrangeiras e estabelecimentos de ensino superior. A Universidade Internacional, com a formação local vocacionada para a área da gestão, para além do ensino, organizou, em junho de 1995, em parceria com o Centro de Estudos de Gestão Regional Urbana, as *I Jornadas Empresariais do Alto Ribatejo*, que tiveram edições posteriores. A Câmara Municipal também promoveu, desde os anos 90, múltiplas atividades, quer de divulgação quer de formação, tendo em vista o desenvolvimento económico local.

Assistiu-se, entretanto, à instalação de novas empresas nos parques industriais, construídos desde meados dos anos 90, beneficiando de uma melhoria significativa das infraestruturas rodoviárias. A criação do *Tagusvalley*, enquanto agente de incubação e desenvolvimento de empresas e iniciativas empresariais inovadoras e tecnológicas, também tem assumido um papel importante enquanto agente de dinamização económica local.

Num concelho e numa cidade onde se instalaram várias grandes superfícies comerciais, desde meados dos anos 90, têm sido tentadas múltiplas estratégias para reaproximar os clientes das lojas do centro da cidade. A renovação do centro histórico, o figurino que as festas da cidade foram assumindo, a afirmação da gastronomia e do artesanato locais, a construção/renovação de parques urbanos, como S. Lourenço ou o Aquapolis, são passos de um plano que se constrói todos os dias.



# EDUCAÇÃO

## A GRANDE AVENTURA

Em 1974, o concelho de Abrantes possuía inúmeras escolas, de vários níveis de ensino, desde o pré-escolar ao secundário. Se o pré-escolar chegava apenas a uma parcela muito reduzida de crianças, na sede do concelho e espaço urbano adjacente, quase todas as localidades dispunham de escolas primárias, algumas das quais ministravam a 5.ª e a 6.ª classe, uma vez que a escolaridade obrigatória passara recentemente para seis anos. Ainda assim, muitas crianças não iam além da 4.ª classe, porquanto não existia qualquer mecanismo que garantisse a matrícula dos que completavam os quatro primeiros anos de escolaridade nos níveis subsequentes. Na escola primária, muitas vezes com salas com quarenta ou mais alunos, os métodos de ensino passavam amiúde pela punição física e pressão psicológica sobre os que revelavam maiores dificuldades.

Na cidade de Abrantes, o Ciclo Preparatório D. Miguel de Almeida funcionava no Convento de S. Domingos. As escolas preparatórias, nascidas da Reforma de Veiga Simão, tinham em Abrantes uma referência a nível nacional, uma unidade piloto, tanto ao nível da pedagogia e do ensaio de novos programas como das iniciativas da relação com a comunidade.

Na cidade de Abrantes existiam dois colégios com ensino secundário, o La Salle, para rapazes, e o Colégio de Nossa Senhora de Fátima, para raparigas. Eram escolas com alunos maioritariamente de fora da cidade e de origem burguesa. Porém, a diversificação de cursos ao nível do ensino secundário impediu que estes colégios dessem resposta aos novos tempos e a grande maioria dos alunos transitou para o liceu. O Liceu Nacional de Abrantes, que começara por ser uma secção do Liceu de Santarém, funcionava, em 1974, no Edifício Carneiro e espaços contíguos. Tratava-se de uma escola que tivera em 1973 os seus primeiros finalistas, onde as relações eram mais informais, nomeadamente com os contínuos. O Liceu e o Colégio La Salle, nesse tempo, faziam um sarau anual no Cine-Teatro S. Pedro, que constituía um acontecimento cultural de relevo para a cidade. Em 1975, o Liceu passou a funcionar nas instalações do La Salle.

Se há áreas em que o 25 de Abril provocou uma verdadeira revolução, o ensino é sem dúvida uma delas, com as famílias de baixa condição social a perspetivarem a escola como meio de ascensão. A escolaridade obrigatória de seis anos começou a ser cumprida pela grande maioria e a generalidade das famílias pretendia que os seus jovens cumprissem o ensino secundário. Isto obrigou à edificação de novas escolas e de novas respostas e à formação de mais professores. Em várias freguesias, a telescola foi a solução encontrada para responder à procura do ensino preparatório: Carreira do Mato e Rossio ao Sul do Tejo, ainda em 1974, e Água Travessa, Bicas e Fontes, em 1975. As novas instalações da Escola Preparatória D. Miguel de Almeida foram inauguradas em 1975 e, no mesmo ano, foi publicada a portaria que criou a Escola Preparatória de Alvega.



A “licealização” das escolas técnicas, timidamente iniciada em 1967, prosseguiu após o 25 de Abril, com a extinção do ensino técnico e a unificação do ensino secundário. Julgava-se que, deste modo, se acabava com a discriminação social no ensino. Em Abrantes, em 1979, assistiu-se ao culminar deste processo, quando a Escola Industrial e Comercial de Abrantes e o Liceu Nacional de Abrantes passam a denominar-se, respetivamente, escolas secundárias n.º 1 e n.º 2.

No final dos anos setenta, início da década de oitenta, com as mulheres a acederem progressivamente ao mercado de trabalho, surgiram creches e jardins de infância, porém a rede pública não respondia às necessidades da população.

A escola democrática passou a prever um maior envolvimento da e com a comunidade. Os pais passaram a participar mais na vida escolar, tanto diretamente como através dos seus representantes. Em abril de 1982, foi constituída a Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária N.º 2 de Abrantes. Quase todos os estabelecimentos de ensino, primeiro no secundário e depois também no ensino básico, começaram a produzir os seus jornais e boletins e deram-se a conhecer, a que não foi estranha a disponibilidade de recursos para produção destes meios de comunicação.

Se após o 25 de Abril o leite escolar passou a aquecer o estômago às crianças que frequentavam as escolas primárias, a ação social escolar desempenhou um papel fundamental num ensino massificado, com os bufetes, refeitórios e a concessão de subsídios, tanto a nível alimentar como de materiais e transportes. Em novembro de 1984, o Ministro da Educação, José Augusto Seabra, inaugurou o refeitório do IASE na Escola Secundária n.º 2. Simultaneamente continuaram a surgir novos edifícios escolares no concelho: ainda em 1984, abriu a nova escola de Monte Galego (Alvega) e, já em 1985, foram inauguradas as escolas primárias de Mouriscas.



ESCOLA DA ABRANÇALHA.  
UMA TURMA DA ESCOLA DE ALFERRAREDE.

Em 1986, ano em que o ensino obrigatório passou de 6 para 9 anos, com a formação de professores a ser reconhecida como necessidade premente, começaram a generalizar-se as ações de formação. Em Abrantes, neste ano, organizaram-se, na Escola Secundária n.º 2, as *Jornadas Pedagógicas de Abrantes*, promovidas pelo Sindicato de Professores da Grande Lisboa. Em 1993, seria criado o ABRANFOCO - Centro de Formação de Professores da Associação de Escolas dos Concelhos de Abrantes, Constância, Gavião e Sardoal.

Em março de 1990, o Ministro da Educação, Roberto Carneiro e o Ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação, Arlindo Cunha, inauguraram a Escola Profissional de Agricultura de Abrantes (Mouriscas). Estas escolas surgiram um pouco por todo país, neste caso dando continuidade ao trabalho iniciado no âmbito do curso técnico-profissional de agropecuária, na Escola Secundária N.º 2.

As reformas sucessivas, nomeadamente no que concerne às regras de acesso ao ensino superior, provocaram algum desgaste nas escolas. Em Abrantes, no ano de 1992, em que a Escola Secundária N.º 1 e Escola Secundária N.º 2 passaram a denominar-se, respetivamente, Escola Secundária Dr. Solano de Abreu e Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes, os seus alunos saíram à rua, em manifestação contra a prova geral de acesso ao ensino superior.

A afirmação das escolas na comunidade fez-se através de eventos com uma dimensão cada vez maior, como foram, em 1993, o *II Encontro das Escolas Profissionais Agrícolas*, realizado nas Mouriscas, o *I Festival de Teatro Escolar*, organizado pela Escola C+S Octávio Duarte Ferreira, e a *Expo 93*, na Escola Secundária Dr. Solano de Abreu.

Entretanto, em meados dos anos noventa, já se sentia claramente a diminuição da população escolar do concelho, fruto do abaixamento da taxa de natalidade. Tal facto refletiu-se sobretudo nas aldeias de menor dimensão, onde o êxodo rural foi causa determinante para o encerramento de muitas escolas do 1.º ciclo.

O passar dos anos fez com que as escolas, em particular as mais antigas e de maior dimensão, tenham criado culturas muito próprias, que fizeram questão de comemorar nos seus aniversários, como aconteceu quando a Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes completou trinta anos, em 1997, ou quando, em 2003, a Escola Secundária Dr. Solano de Abreu festejou o seu cinquentenário.



Em 2003 foi inaugurada a EB1/JI António Torrado, uma conceção de escola para o século XXI, bem equipada, nomeadamente ao nível da biblioteca e centro de recursos. Ao mesmo tempo, anunciava-se que seria o último ano do ensino básico mediatizado, as famosas telescolas, que desempenharam a sua função durante três décadas. Em 2004/2005 a Câmara Municipal lançou, ao nível do 1.º Ciclo o projeto “Mocho XXI”, revolucionário a nível nacional, colocando, nos anos seguintes, computadores portáteis em todas as salas do concelho. Viviam-se a revolução das TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação. Também no 1.º Ciclo, as atividades extra-curriculares, de frequência facultativa, preparavam-se para complementar o horário escolar, dando resposta às necessidades dos pais.

As escolas do 1.º Ciclo e Jardins de Infância começaram a funcionar em agrupamentos, que foram crescendo e que, desde há cerca de um ano são apenas dois, um com sede na Escola Dr. Manuel Fernandes, onde entretanto se passou a lecionar também 2.º Ciclo, e o outro com sede na Escola Dr. Solano de Abreu. A propósito das escolas sedes dos dois agrupamentos, não pode ser ignorado o papel por elas desempenhado em termos de ensino noturno, em diferentes modalidades, que tantas oportunidades facultou a tantos adultos e que hoje já não existe. Ambas as escolas foram contempladas por projetos de renovação, por parte da Parque Escolar, que no caso da Escola Dr. Solano de Abreu foi concluído, enquanto na Escola Dr. Manuel Fernandes foi suspenso a meio.



COLÉGIO LA SALLE, ONDE SE INSTALOU O LICEU DE ABRANTES, APÓS O 25 DE ABRIL.

Também a Câmara Municipal procedeu a uma importante renovação do parque escolar na sua dependência. Procedeu-se à construção/renovação de centros escolares (Carvalhal, Rossio ao Sul do Tejo, Pego, Rio de Moinhos, Tramagal, Chainça, Alferrarede e Bemposta) e à renovação da Escola D. Miguel de Almeida.

Na última década do século XX, Abrantes recebeu o ensino superior, com a instalação da Universidade Internacional, que funcionou no Convento de S. Domingos e no Edifício Carneiro. A Universidade Internacional, a funcionar em regime pós-laboral, abriu a possibilidade a muitos trabalhadores de obterem uma licenciatura. Em 1999, instalou-se a Escola Superior de Tecnologias de Abrantes, do Instituto Politécnico de Tomar, com cursos diversificados, que vão da Engenharia Mecânica à Comunicação Social, cujos estudantes contribuíram para a recuperação da dinâmica no centro histórico da cidade. Mais recentemente, instalou-se em Abrantes um Centro Local de Aprendizagem da Universidade Aberta.



ESCOLA PRIMÁRIA DO ROSSIO AO SUL DO TEJO.



## JORNADAS CULTURAIS DE ABRANTES-70

Programa para os dias 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12 e 13 de Junho:

**DIA 3** — No Convento de S. Domingos, às 18 horas

**Tarde Cultural** — com a participação do Coral do Colégio N. S. de Fátima e o Teatro do Liceu de Abrantes, que representará a comédia de Almeida Garrett

«Falar verdade a mentir» (Para 6 anos)

**DIA 5** — No Convento de S. Domingos, às 21 horas — **Abertura da**

**Exposição dos Pintores Abrantinos**

A's 21,30 horas, 1.ª Sessão do

**I Festival Nacional de Cinema Amador** (Para 12 anos)

**DIA 6** — A's 15 horas, no Campo do Barro Vermelho

**V Concurso Hípico de Abrantes** (Para todos)

A's 21,30 horas, no Convento de S. Domingos, 2.ª Sessão do

**I Festival Nacional de Cinema Amador** (Para 12 anos)

A's 22 horas, no Rossio, **Hóquei em Patins**

**C. F. Estremoz — U. D. Rossiense** (PARA 12 ANOS)

**DIA 7** — A's 15 horas, no Campo do Barro Vermelho, **Continuação do**

**V Concurso Hípico de Abrantes** (Para todos)

No mesmo dia, de tarde, no Jardim da Praça da República, **abertura da**

**Exposição de Pintura dos Vanguardistas Portugueses**

**DIA 8** — No Convento de S. Domingos, às 21,30 horas: **3.ª Sessão do**

**I Festival Nacional de Cinema Amador** (Para 12 anos)

**DIA 9** — No Teatro S. Pedro, às 21,45 horas

O filme **MUDAR DE VIDA**, de Paulo Rocha (Para 7 anos)

**DIA 10** — Na Piscina Municipal, às 21,30 horas

**Festival de Nataçao** (Para 12 anos)

**DIA 12** — No Convento de S. Domingos, às 21,30 horas: **4.ª Sessão do**

**I FESTIVAL NACIONAL DE CINEMA AMADOR** (PARA 12 ANOS)

**DIA 13** — No Teatro S. Pedro, às 21,45 horas

A Peça «O DIA SEGUINTE», de Luis Francisco Rebelo

# CULTURA REVOLUÇÃO CULTURAL

## A EXPLOÇÃO ASSOCIATIVA

Tal como aconteceu por todo o país, também o concelho de Abrantes, logo após a Revolução, viu surgir diversas associações, que, para além de outros campos de ação, se assumiam de caráter cultural. Eis dois exemplos: em março de 1975, foi fundado o Centro Cívico Cultural e Desportivo de Alferrarede Velha, legalizado em 1987; em 1976, constituição do Centro Cultural e Desportivo de S. Miguel do Rio Torto. Se é certo que muitas destas associações, mesmo autodenominando-se culturais, começaram por estar mais direcionadas para a melhoria de infraestruturas ou para a promoção desportiva, não deixaram de existir algumas que assumiram efetivamente a cultura como um desígnio. Destes primeiros anos após o 25 de Abril, retenha-se a ação da Secção Cultural da Casa do Povo do Pego, que nascera no mês imediatamente anterior à Revolução, onde um conjunto alargado de jovens desenvolveu um interessante trabalho, nomeadamente ao nível do teatro. O teatro foi uma das áreas em que mais se apostou, a par de publicações culturais, como a revista *Ânimo*, da responsabilidade de António Colaço, que veio a público de 1978 a 1980.

No Cine-Teatro S. Pedro continuavam a chegar ao público abrantino os espetáculos clássicos (Grupo de Bailado e Grupo de Ballet da Fundação Calouste Gulbenkian), porém o espírito revolucionário materializava-se na ocupação do edifício da Assembleia de Abrantes, transformado em Centro Popular de Cultura em abril de 1975.

Se nesta fase a área da cultura era manifestamente secundarizada na ação municipal, uma vez que as necessidades em termos de infraestruturas obrigavam a outras prioridades, não deixaram de emergir alguns eventos que marcaram um certo tempo. Foi a época dos apoios concedidos às mostras de artesanato e de folclore. Em maio e junho de 1982 realizou-se a *I Feira Interconcelhia de Artesanato e Arte Popular*, no âmbito da qual a Câmara Municipal editou a brochura *Abrantes - Artesanato arte popular: breve roteiro fotográfico*.

A história local e o património, no começo da década de 80, também foram merecedores de atenção especial. A 10 de junho de 1981, foi lançada a primeira edição da *Memória histórica da notável vila de Abrantes*, da autoria de Manuel António Morato e João Valentim da Fonseca Mota, organizada por Eduardo Campos, que inaugurou a atividade editorial continuada da Câmara Municipal de Abrantes. Um grupo de abrantinos constituiu, em maio de 1980, a Associação para a Defesa e Estudo do Património da Região de Abrantes (ADEPRA), cujo primeiro presidente foi Joaquim Candeias da Silva e que, entre outras atividades, publicou sete números do Boletim da ADEPRA e o número 1, e único, da revista *ABRANTES: cadernos para a história do município*. Em fevereiro de 1983, foi criado o Arquivo Histórico do Concelho de Abrantes, para onde, no ano seguinte, viria a ser transferida a documentação existente no Museu D. Lopo de Almeida. No início de 1984, a Câmara Municipal instituiu o *Prémio Juvenil de Investigação Histórica* e, simultaneamente, o *Prémio Literário António Botto*.

A Revolução de 25 de Abril trouxe consigo um conjunto de transformações profundas em termos políticos, económicos, sociais, mas também culturais, as quais ganharam forma num período muito curto. Quatro décadas de repressão, prevalência de elevados índices de analfabetismo, forte controlo social e cultural, de que a sociedade portuguesa foi vítima, terão determinado a capacidade que a mesma revelou para se transformar e que poucos anteveriam.

Com as liberdades de Abril, no caso da cultura em relação estreita com o fim da censura, viveceu-se uma rutura abrupta com o passado. Assistiu-se à afirmação do canto e do teatro de intervenção, à produção de filmes sobre o movimento revolucionário ou à exibição de fitas interditas, ao acesso aos livros proibidos e ainda à afirmação da alfabetização, inclusivamente de adultos. Muita da animação cultural a que se começou por assistir, até aos anos 80, foi desenhada sobretudo pelo movimento associativo.





Por esta altura, a atenção da Câmara Municipal, no domínio cultural, para além do apoio pontual a uma ou outra associação, direcionava-se fundamentalmente para o folclore e para a etnografia. Ainda no início dos anos 80, enquanto os grupos folclóricos continuavam a nascer, a Câmara Municipal, por proposta do vereador Carlos Madeira, criou um grupo de trabalho para o estudo da etnografia do concelho.

Abrantes assumiu um papel pioneiro no domínio das rádios locais, que começaram por ser “rádios piratas” ou “rádios livres”. Em janeiro de 1981, arrancaram as primeiras emissões da Rádio Antena Livre. Em Tramagal, no mês de abril de 1983, iniciaram-se as primeiras emissões da Rádio Tramagalense (Rádio Tágide a partir de 1988). Estas rádios desencadearam um enorme entusiasmo, uma vez que faziam chegar junto das populações assuntos que lhes eram próximos e lhes diziam respeito.

OS CARTAZES DE EVENTOS  
E A RÁDIO COMO  
ELEMENTOS DE  
PROPAGACÃO DA PALAVRA.  
A CASSETE VHS, QUE  
TROUXE O CINEMA A CASA  
E O FIM DAS SALAS  
DE CINEMA.

## VÍDEO VS LEITURA

Volvidos cerca de dez anos sobre a Revolução, as marcas culturais do 25 de Abril começaram a perder-se, ao mesmo tempo que as sociabilidades e a ocupação dos tempos livres assumiram novas características. A televisão, e especialmente a generalização do vídeo, afastaram as pessoas das salas de espetáculos. Também por esta altura, surgiram bares e discotecas, onde a música anglo-saxónica se tornou rainha, enquanto o folclore ou a música tradicional começaram a ser perspetivados como manifestações “pirosas” por parte dos mais jovens.

Em Abrantes, no verão de 1982, foi inaugurada a discoteca *JET BEE*, a primeira a funcionar na cidade e uma das mais badaladas da região, que, conjuntamente com a *D. Napoleon*, deixaram uma marca no entretenimento noturno abrantino.

A promoção da leitura, numa sociedade mais alfabetizada, não foi descurada, apesar da concorrência dos filmes em suporte VHS, com vários clubes de vídeo a fazerem a sua aparição na cidade. Em janeiro de 1983, abriu, no Convento de S. Domingos, a Biblioteca Fixa n.º 134 da Fundação Calouste Gulbenkian, cujas instalações seriam ampliadas em dezembro de 1986. Também no Rossio ao Sul do Tejo, em 1985, foi inaugurada uma Biblioteca Fixa da Fundação Calouste Gulbenkian. Ainda no âmbito da promoção da leitura, é merecedora de destaque a realização do *I Festival Nacional de Poesia Infanto-Juvenil*, organizado pela Escola D. Miguel de Almeida, em junho de 1987. No mesmo ano, por proposta do vereador Humberto Lopes, a Câmara Municipal de Abrantes instituiu dos prémios municipais de *Teatro “Actor Taborda”*, *Literário “António Botto”*, de fotografia a preto e branco e de fotografia a cores (nos anos pares); o prémio de *Investigação Histórica*, de *Ensaio* e de *Jornalismo*, nas modalidades de reportagem e entrevista (nos anos ímpares).



Ainda que os espetáculos, vindos sobretudo de fora, continuassem a chegar ao Cine-Teatro S. Pedro, no final de 1988 a sala abrantina deixou de ter exibição de cinema.

Foi, porém, no domínio da promoção da leitura que Abrantes viveu francos progressos desde o começo da década de 90. Em novembro de 1993, foi inaugurada a Biblioteca Municipal António Botto, cujas obras se haviam iniciado em 1990, concretizando o projeto do arquiteto Duarte Castel-Branco. Integrada na Rede de Leitura Pública, a nova biblioteca assumiu-se como um lugar privilegiado de acesso a múltiplos documentos, livro e não livro, mas também a periódicos e a um vasto fundo local. Para além da disponibilização dos seus recursos, a Biblioteca António Botto promoveu, ao longo dos anos, milhares de atividades de promoção da leitura, direcionadas para diferentes públicos.

## CÂMARA E ASSOCIATIVISMO

Em 1995, foi criada em Abrantes uma associação cultural que seria uma pedrada no charco no panorama cultural. A assembleia geral constituinte da Palha de Abrantes - Associação de Desenvolvimento Cultural reuniu a 26 de junho e após a eleição dos seus corpos gerentes ocorreu a sua apresentação pública, no dia 27 de outubro. Liderada nos primeiros anos por José Alves Jana, a Palha de Abrantes desencadeou uma dinâmica cultural que a cidade nunca antes tivera. Nasceu uma escola de artes plásticas, um grupo de teatro, múltiplos grupos de debate, uma atividade continuada de edição ao nível da poesia e do património locais e grandes eventos que saíram da esfera local e regional e atingiram dimensão nacional.



*Festival do Imaginário*, organização da Palha de Abrantes, que mereceu o maior destaque nos meios de comunicação de âmbito nacional. A segunda edição teve lugar de 19 a 28 de novembro de 1999, subordinada ao tema “Utopia, Totalitarismo e Liberdade”. Alternando com o *Festival do Imaginário*, decorreram os *Encontros de Abrantes*.

Também em meados dos anos 90, o panorama cultural decorrente da ação da Câmara Municipal viveu grandes transformações. Desde a criação, em 1994, dos Serviços Culturais surgiu uma nova dinâmica da autarquia, muitas vezes ligada ao consumo de produtos externos. São ainda dignos de realce o novo figurino das Festas da Cidade, que se tornaram numa referência em termos regionais, ou a abertura, em 1996, da Galeria Municipal de Arte. O Município iniciou, desde esta altura, uma política de apoio às associações e aos eventos promovidos pelas mesmas, que tem sido, até hoje, decisiva para as dinâmicas locais.

Apesar de nos centrarmos especialmente na sede do concelho, importa não ignorar que fora de Abrantes também se desenvolveram múltiplas atividades culturais. Por exemplo no Tramagal, a Sociedade Artística Tramagalense incrementou, desde longa data, uma importante ação neste domínio, a que se juntou, em 1998, a muito dinâmica CISTUS - Associação Juvenil de Apoio ao Desenvolvimento Local.



As obras no Cine-Teatro S. Pedro, que decorreram de 1999 a 2001, devolveram a sala aos espetadores, porém o cinema comercial revelar-se-ia inviável. Para além dos espetáculos que vêm à sala abrantina, maioritariamente através dos Serviços Culturais da Câmara, o cineclube Espalhafitas, um projeto da Palha de Abrantes, garante, desde 2003, a exibição semanal, às quartas feiras, de cinema de qualidade. Para além desta atividade do cineclube, há ainda que destacar o seu papel em termos de produção cinematográfica, através de vários documentários que já produziu e com os filmes de animação que deu oportunidade a jovens abrantinos de realizarem, no âmbito do *Animaio*. No domínio da produção local, é ainda digna de destaque a ação regional do CEHLA - Centro de Estudos de História Local de Abrantes, que desde 2003 já trouxe a público 22 números da revista *Zahara*.

Com o centro histórico recuperado, o castelo requalificado, Abrantes encontrou no Parque de S. Lourenço e no Aquapolo novos espaços de lazer. A inauguração da nova galeria de arte, em 2013, no antigo quartel dos bombeiros é também uma aposta ganha.

E muito mais haveria a dizer sobre a dinâmica cultural do concelho.



IMAGENS DAS JORNADAS CULTURAIS, NO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS, ENTRE OUTROS, INDENTIFICAM-SE ZECA AFONSO E EURICO HEITOR CONSCIÊNCIA.





# DESPORTO ASSOCIATIVISMO ‘REVOLUCIONÁRIO’



Logo após a Revolução de 25 de Abril de 1974, a nova dinâmica associativa foi especialmente sentida na área do desporto. Se as associações se afirmavam culturais, recreativas e desportivas, foi ao nível do desporto que muitas delas começaram a desenvolver as suas atividades. Numa fase inicial, assistiu-se a um duplo fenómeno: aqueles se encontravam ligados ao fenómeno desportivo procuraram desligar-se da FNAT/INATEL, que controlara grande parte das atividades e dos quadros competitivos no Estado Novo; nas freguesias rurais assistiu-se à construção de muitas infraestruturas.

## O FUTEBOL E OS OUTROS

Foram vários os clubes que se organizaram nos primeiros anos a seguir ao 25 de Abril de 1974 e que deram corpo a novas infraestruturas, quer sejam sedes quer sejam campos. Retenham-se os seguintes exemplos: junho de 1974, inauguração da sede da Liga de Melhoramentos, Desporto, Cultura e Recreio de Concavada; setembro de 1974, fundação do Clube de Natação de Abrantes; 1979, criação do Grupo Desportivo e Recreativo “Os Esparteiros”, das Mouriscas, e do Grupo Desportivo de Bemposta; outubro de 1983, inauguração do o novo parque recreativo e desportivo de S. Facundo.

Eram várias as modalidades praticadas no concelho de Abrantes nos anos 70. Depois do hóquei em patins e do futebol terem atingido alguma projeção na década de 60, o primeiro por intermédio da União Desportiva Rossiense e o segundo através do Tramagal Sport União (TSU), que chegou à 2.ª divisão nacional, a seguir ao 25 de Abril encontramos um conjunto alargado de modalidades em Abrantes. Se fora da sede do concelho, a variedade era reduzida, limitando-se quase ao futebol, na cidade as modalidades praticadas eram diversas, bem como as competições a elas associadas: natação, na Piscina do Hotel; pesca desportiva, com tradição nos Amadores de Pesca de Abrantes; motocross, no âmbito de festejos populares; tiro, no Campo de Tiro de Abrantes; atletismo, com inúmeras corridas abertas a populares.

O futebol sénior do Tramagal Sport União viveu momentos de dificuldade, associadas aos problemas que afetaram a Metalúrgica Duarte Ferreira, pelo que foi o Clube Desportivo e Recreativo de Alferrarede aquele que, no final dos anos 70, início da década de 80, maior protagonismo teve. Campeão distrital da 1.ª divisão em 1979/80, o Alferrarede ascendeu à 3.ª divisão nacional.

Nos anos 80, os quadros competitivos ao nível do futebol foram-se alargando, a ponto de ter havido a necessidade de criar uma 3.ª divisão distrital. Nesta fase surgiram equipas em diversas freguesias, umas a participar nas competições do INATEL, outras nos campeonatos da Associação de Futebol de Santarém. O Grupo Desportivo do Pego viveu um período de forte investimento, em meados dos anos 80, ainda assim, em termos de títulos, o clube ficou-se pela conquista da Taça do Ribatejo.

Ao nível do futebol de formação, desde os anos 80 que Alferrarede, TSU, Sporting Clube de Abrantes e Sport Abrantes e Benfica começaram a apresentar equipas de bastante qualidade, atingindo várias vezes os campeonatos nacionais, apesar das limitações dos pelados em que treinavam e competiam. As melhorias em termos de formação de técnicos, muitas deles professores de Educação Física, foram determinantes para estes progressos no futebol, mas também no atletismo. O Sporting Clube de Abrantes sagrou-se campeão distrital de atletismo, em 1979, mantendo-se em bom plano ao longo da década seguinte, juntando-se-lhe o TSU, também com um conjunto de atletas bastante competitivo.



Entre múltiplas manifestações desportivas, como o judo ou a equitação, os anos 80 ficaram ainda marcados pelas competições de pop-cross, em Vale de Roubão, promovidas pela Secção de Motorismo do Sporting Clube de Abrantes. Ainda no desporto automóvel, o *Rally Cidade de Abrantes*, cuja primeira edição aconteceu em 1982, também marcou uma época

## NOVOS EQUIPAMENTOS, SONHOS RENOVADOS

Em 1987 foi inaugurado o pavilhão ginno-desportivo de Abrantes, atualmente integrado na Escola Dr. Solano de Abreu, e em meados dos anos 90 foram construídos os pavilhões desportivos de Tramagal e Pego. Estes recintos abriram novas oportunidades para diferentes modalidades, nomeadamente para o basquetebol do Clube Náutico de Abrantes e do TSU ou para o futsal



JOGO DE BASQUETEBOL  
NA ESCOLA INDUSTRIAL,  
EM 1970.



INICIADOS DOS 'DRAGÕES'  
DE ALFERRAREDE, 77-78.  
INICIADOS SPORTING  
CLUBE DE ABRANTES  
93-94.  
PISCINAS MUNICIPAIS,  
NA DÉCADA DE 70.

do Clube Desportivo «Os Patos». Estas modalidades passaram a dispor de equipas bastante competitivas no panorama distrital.

No início do novo milénio, a construção da Cidade Desportiva, com estádio com relva natural, pista de atletismo, campo sintético e, um pouco mais tarde, as piscinas municipais, proporcionaram renovadas condições para a formação, o treino e a competição desportivas, para um conjunto muito mais alargado de praticantes. Entretanto, os clubes passaram a dispor de apoio municipal à competição, através do programa de financiamento que começou por se denominar *Findesp*.

Pelo estádio municipal passou o fenómeno Abrantes Futebol Clube, com um percurso ascensional fabuloso, atingindo a 2º Divisão B, mas com vida curta, fruto de graves problemas financeiros. A pista de atletismo, porém tem permitido um treino de qualidade, que tem projetado atletas abrantinos para um patamar nacional, como tem acontecido com os jovens da Casa do Benfica de Abrantes e do Sporting Clube de Abrantes. A natação do Clube Náutico de Abrantes afirmou-se no panorama distrital e, nos campeonatos nacionais, tem alcançado diversos pódios.

Beneficiando da recuperação do Aquapolis, o Clube Desportivo «Os Patos» apostou de forma séria na canoagem e os resultados têm sido excelentes, com alguns atletas a integrarem as seleções nacionais e a alcançarem títulos internacionais.

Abrantes é atualmente mais ativa e, também por via da dinâmica dos mais jovens, vê-se cada vez mais gente a caminhar, a correr ou a andar de bicicleta. O entusiasmo em torno do fenómeno *Abt Night Runners* é a mais recente manifestação dos novos tempos.



# CRONOLOGIA DESPORTO ABRANTES

[Dados de *Cronologia de Abrantes no Século XX*, de Eduardo Campos]

## 1974

**Junho, 9** É inaugurada a sede da *Liga de Melhoramentos, Desporto, Cultura e Recreio da Concavada*.  
**Julho, 17** Toma posse a Comissão Administrativa da CMA presidida por Francisco Correia Semedo (com os pelouros da secretaria, tesouraria, Serviços Técnicos, serviços policiais, informações e relações públicas) e pelos vogais, José Joaquim Brito Ribeiro Vasco (higiene e limpeza, saneamento, instrução e cultura), José dos Santos de Jesus (águas, electricidade, parque de máquinas e oficinas), Manuel Pereira Dias (parques, jardins, miradouros, largos, arruamentos da cidade, cemitérios da cidade, toponímia e desportos), Afonso da Silva Campante (estradas e caminhos, largos, arruamentos e cemitérios das freguesias rurais), João Camarinhas dos Reis (trânsito e transportes colectivos, bombeiros, património e armazém) e José da Silva Graça Vieira (mercados, feiras, abastecimento público, matadouro e turismo).  
**Setembro, 29** Realiza-se o *I Festival de Natação* na piscina municipal.  
**Setembro, 30** É constituído o *Clube de Natação de Abrantes*.  
**Novembro, 1** É inaugurado o campo de futebol da Casa do Povo do Pego.

## 1975

**Janeiro, 15** É criada a *Comissão Dinamizadora de Cultura e Desporto*.  
**Março, 29** É fundado o *Centro Cívico Cultural e Desportivo de Alferrarede Velha*, legalizado em 24 de Setembro de 1987.  
**Junho, 21** O *Amadores de Pesca de Abrantes* (APA) realiza o *I Concurso Popular Infantil de Pesca de Rio*.  
**Julho, 20** Realiza-se a *I Grande Prova de Motocross*, organizada pela *Secção Desportiva* da Casa do Povo de Rio de Moinhos.  
**Setembro, 11** A *Liga de Melhoramentos, Desporto, Cultura e Recreio da Concavada* passa a ter a denominação de *Clube Desportivo e Recreativo da Concavada*.

## 1976

**Fevereiro, 14** Francisco Lopes Correia Semedo é eleito presidente da direcção do *Amadores de Pesca de Abrantes*.  
**Abril, 7** É criada a *Comissão Municipal de Desporto*, presidida pelo vereador Carlos Alberto Marchão.  
**Junho, 10/13** Realiza-se no campo de tiro de Abrantes o *Campeonato de Portugal de Tiro ao Voo*.  
**Junho, 14** Organizado pelo *Amadores de Pesca de Abrantes, Clube de Campismo de Abrantes* e pelo *Clube Desportivo de Alferrarede “Os Dragões”*, realiza-se o *I Concurso Municipal de Abrantes de Pesca Desportiva*.  
**Janeiro, 15** Francisco Lopes Correia Semedo é eleito presidente da direcção do *Amadores de Pesca de Abrantes*.  
**Janeiro** Realiza-se o *I Grande Prémio de Atletismo* do Rossio ao Sul do Tejo.

## 1977

**Outubro, 19** É extinta a *Comissão Municipal de Desporto* devido à sua inoperacionalidade, e nomeada uma comissão provisória.

## 1978

**Fevereiro, 8** A CMA aprova a constituição do *Grupo de Dinamização Cultural* e do *Grupo de Dinamização Desportiva*.  
**[Abril ±]** É constituído o *Grupo Desportivo e Recreativo Rio Tejo*.  
**Setembro, 30** José Matias Mourisco é eleito presidente da direcção da *Sociedade Columbófila de Abrantes*.  
**Dezembro, 6** A CMA cede terrenos na zona do Vale do Roubão à *Secção de Motorismo* do *Sporting Clube de Abrantes*, para a prática de desporto automóvel.

## 1979

**Março, 25** António Seixas Carlos é eleito presidente da direcção do *Clube Desportivo e Recreativo de Alferrarede*.  
**Abril, 29** O *Sporting Clube de Abrantes* sagra-se campeão distrital de atletismo.  
**Maio, 21** É fundado o *Centro Popular de Cultura e Desportos de Sentieiras*.  
**Junho, 4** É publicado o alvará de legalização da *Secção de Motorismo* do *Sporting Clube de Abrantes*.  
**Julho, 19** É constituído o *Grupo Desportivo e Recreativo “Os Esparteiros”*, das Mouriscas.  
**Agosto, 1** É criado o *Grupo Desportivo de Bemposta*.

## 1980

**Fevereiro, 23** Francisco Lopes Correia Semedo é eleito presidente da direcção do *Amadores de Pesca de Abrantes*.  
**Abril, 27** Realiza-se o *I Pop-Cross Internacional de Abrantes* no circuito permanente de Vale do Roubão, com realizações posteriores.  
**Junho, 1** Realiza-se o *I Moto-Cross “Cidade de Abrantes”*, organizado pela *Secção de Motorismo* do *Sporting Clube de Abrantes*.  
**Novembro, 1** Realiza-se o *I Grande Prémio de Atletismo* da Chainça.

## 1981

**Janeiro, 24** António Lopes David toma posse do cargo de presidente da direcção do *Clube Desportivo e Recreativo da Concavada*.  
**Junho, 26** António Lucas Gomes Mor é eleito presidente da direcção do *Clube de Amadores de Pesca e Caça* do Pego.  
**Junho, 27/28** Realiza-se o *I Auto-Cross Internacional de Abrantes*, organizado pela *Secção de Motorismo* do *Sporting Clube de Abrantes*.  
**Novembro, 21/22** Realiza-se o *I Rally Cidade de Abrantes*.

## 1982

**Maio, 15/16** Realiza-se o *I Festival de Folclore de Alferrarede*, organizado pela *Secção Cultural* do C.D.R.A. “*Os Dragões*”, com diversas edições.  
**Setembro, 20** É fundado o *Clube Desportivo “Os Patos”*, do Rossio ao Sul do Tejo.  
**Dezembro, 18** Organizado pela CMA, realiza-se o *I Grande Prémio de Natal em Atletismo*, com cerca de uma dezena de edições.

## 1983

**Abril, 11** António Farinha de Oliveira é eleito presidente da direcção do *Sporting Clube de Abrantes*.  
**Outubro, 8/9** É inaugurado o novo parque recreativo e desportivo de S. Facundo.  
**Novembro, 5** É inaugurado o *Centro Cultural e Desportivo de Arrifana*.

## 1984

**Julho, 30** É constituído o *Núcleo Sportinguista* do Tramagal.  
**Outubro, 8** É inaugurado o parque desportivo e recreativo de S. Facundo.

## 1985

**Janeiro, 16** É constituído o *Clube de Pesca “S. Miguel”*, de S. Miguel do Rio Torto.  
**Janeiro** É publicado o boletim desportivo *O A.D.F. (Ases de Futebol)*, do qual apenas se publicaram dois números.

## 1986

**Janeiro, 25** Fernando Manuel de Jesus Velez é eleito presidente da direcção do *Sporting Clube de Abrantes*.  
**Março, 6** É fundado o *Centro Social Cultural, Recreativo e Desportivo* de Água das Casas.  
**Março** É publicada a revista *O Pato*, editada pelo *Clube Desportivo “Os Patos”*, do Rossio ao Sul do Tejo.  
**Junho, 23** É constituída a *Associação Desportiva e Cultural das Mouriscas*.  
**Agosto, 16** O Governo concede ao clube *Amadores de Pesca de Abrantes* o exclusivo de pesca desportiva numa fração de rede hidrográfica do Tejo (ribeira de Eiras e albufeira da barragem de Belver).  
**Setembro, 29** É constituído o *Clube de Caçadores do Concelho de Abrantes*.  
**Novembro, 1** Realiza-se o *I Grande Prémio dos Santos em Atletismo*, organizado pela CMA.

## 1987

**Fevereiro, 9** É inaugurado o pavilhão gimnodesportivo de Abrantes-centro.  
**Março, 23** É fundado o *Grupo Desportivo do Pego*.  
**Abril, 24** O *Clube Desportivo e Recreativo de Alferrarede* passa a denominar-se *Clube Desportivo e Recreativo de Alferrarede – C.D.R.A. – “Os Dragões”*.  
**Junho, 10** É fundado o *Clube Náutico de Abrantes*.  
**Junho, 21** O *Clube de Pesca S. Miguel*, de S. Miguel do Rio Torto, organiza o *I Concurso Nacional de Pesca de Rio*.  
**Setembro, 20** Realiza-se o *I Festival de Natação*, organizado pelo *Clube Náutico de Abrantes*, em que participam cerca de duzentos jovens.

## 1988

**Abril, 4** É constituída a *Associação de Caçadores de Rio de Moinhos*.  
**Abril, 20** É fundada a *Associação Desportiva e Cultural de Arreciadas*.  
**Maio, 4** É constituída a *União Desportiva, Recreativa e Cultural – Os Cristas, de Maxial*.  
**Setembro, 11** Realiza-se o *III Festival de Natação*, organizado pelo *Clube Náutico de Abrantes*, com edições posteriores.  
**Outubro, 14** É constituído o *Clube de Caça e Pesca de Alvega*.



## 1989

**Março, 30** É reorganizado o *Judo Clube de Abrantes*, fundado em 3 de Novembro de 1969.  
**Maio, 5** É constituído o C.P.S.A. – *Clube Português de Ski Aquático* no Tramagal.  
**Maio, 12** É fundado o *Grupo Desportivo e Recreativo de Fontes*.  
**Junho, 17** É fundada a *Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Atalaia* (Souto).  
**Julho, 29/30** Representando Portugal, o judoca abrantino Fernando Correia obtém o 3º lugar do campeonato do mundo de judo e karaté para surdos-mudos, que se realiza em Tóquio.  
**Agosto, 3** É constituído o *Clube de Caçadores da Freguesia do Tramagal*.  
**Novembro, 1** Promovido pelo *Jornal de Alferrarede*, realiza-se o *I Grande Prémio de Atletismo de Alferrarede*.

## 1990

**Janeiro, 31** É constituída a *ACPCAR – Associação de Criadores e Proprietários de Cavalos do Alto Ribatejo*.  
**Março, 2** É constituída a associação *Calibre Doze – Clube de Caça e Pesca* (Vale de Zebro).  
**Março, 19** É constituída a *Associação Cultural e Recreativa de Vale de Rãs*.  
**Março, 30** É constituída a *Associação de Caçadores “Os Patos Bravos”*, do Rossio ao Sul do Tejo.

**Maio, 19/20** Realiza-se o *I Raide Hípico Nacional de Abrantes*, organizado pela CMA e pela *ACPCAR – Associação de Criadores e Proprietários de Cavalos do Alto Ribatejo*, com posteriores edições.  
**Junho, 29** É constituída a *Associação de Caça e Pesca, Cultural e Desportiva da Freguesia de S. Facundo*.  
**Julho, 4** É fundada a *Associação Recreativa e Desportiva de Barrada*.  
**Agosto, 11/15** Realiza-se a *I Feira de Gastronomia, a I Mostra das Estruturas Culturais, Educacionais e Desportivas* e a *III Feira do Livro*, integradas na *IV Feira de Artesanato das Mouriscas*.  
**Novembro, 28** É constituída a *Associação de Caçadores de Alferrarede Velha*.  
**Dezembro, 8** Realiza-se o *I Grande Prémio de Atletismo da Cidade de Abrantes Inter-Bombeiros*, que corresponde ao *IX Grande Prémio de Natal*.

## 1991

**Março, 21** É constituído o *Clube de Caçadores Reunidos de Arreciadas*.  
**Abril, 6** É criado o *Núcleo Regional de Árbitros de Abrantes*.  
**Julho, 25** É constituída a *Associação Cultural e Desportiva de Rio de Moinhos*.  
**Novembro** É publicado o primeiro número da folha desportiva, *A Borboleta*, da responsabilidade do *Tramagal Sport União*.

## 1992

**Março, 1** A *ACPCAR – Associação de Criadores e Proprietários de Cavalos do Alto Ribatejo*, cria uma escola de quitação na herdade da Parrada.  
**Abril, 10** É constituída a *UNIMAXIAL – Associação Particular de Solidariedade Social, Cultura e Desporto*, de Maxial (Souto).  
**Abril, 14** É constituída a *Associação de Caçadores de Fontes*.  
**Agosto, 6** É constituída a associação “*Rio Torto*” – *Associação de Recreio, Cultura e Desporto*, de S. Miguel do Rio Torto.  
**Agosto** Os jovens António João da Silva Gonçalves, do Rossio ao Sul do Tejo, e Manuel António Pires Ferreira, de Alferrarede Velha, alunos do *CRIA*, são medalhados pela sua participação numa equipa de futebol nos *Special Olympics* de Barcelona.  
**Dezembro, 4** É constituída a *Associação Desportiva de Caça e Pesca de Vale das Mós*.

## 1993

**Janeiro** É publicado o primeiro número do *Jornal O Motard: órgão oficial do Motoclube da U.D.R*.  
**Abril, 13** É constituída a *Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Bicas* (S. Miguel do Rio Torto). Os seus estatutos são aprovados em 13 de Abril de 1995.  
**Maio, 23** É inaugurada a sede social da junta de freguesia e do *Grupo Columbófilo “Os Asas”* de Rio de Moinhos.  
**Setembro, 25/26** Realiza-se a *I Concentração Nacional de Motos*, organizada pelo *Motoclube do União Desportiva Rossienense*.  
**Dezembro, 7** É assinada a escritura da empreitada da construção do Pavilhão Desportivo do Tramagal.





CARTAZ DO 1º AUTOCROSS INTERNACIONAL  
DE ABRANTES, ANO DE 1981.

## 1994

**Janeiro, 24** É constituído o *Grupo Cultural, Recreativo e Desportivo de Cabeça Gorda*.  
**Fevereiro, 4** É constituída a *Associação de Caça e Pesca de Amoreira*.  
**Fevereiro, 20** O *Sporting Clube de Abrantes* sagra-se campeão distrital de corta mato na categoria de juniores femininos.  
**Abril, 9** É constituído o Núcleo Sportinguista de Alferrarede.  
**Abril, 17** É inaugurada a primeira fase do parque desportivo (ringue de hóquei) do *Centro Cívico de Alferrarede Velha*.  
**Abril, 25** A equipa de basquetebol de iniciados masculinos da *Escola C+S D. Miguel de Almeida* vence um torneio realizado na Madeira.  
**Abril, 29** O presidente do *Sporting Clube de Portugal*, José Sousa Cintra, inaugura as novas instalações da sede do *Sporting Clube de Abrantes*.  
**Maió, 10** É constituída a *Casa do Benfica de Abrantes*.  
**Junho, 9** É constituído o *Centro Desportivo de Brunheirinho*.  
**Junho, 11** O presidente do *Sport Lisboa e Benfica*, Manuel Damásio, inaugura a *Casa do Benfica*.

## 1995

**Março, 17** Luís Nuno Ablú Dias é eleito presidente da direcção do *Sporting Clube de Abrantes*.  
**Março, 25** É inaugurado o Pavilhão Desportivo Municipal do Pego.  
**Maió, 13/14** Realiza-se o *I Cross Country* (bicicletas todo o terreno), organizado pelo *Clube de Campismo de Abrantes*.  
**Junho, 14** A CMA homenageia os iniciados e infantis do *Sport Abrantes e Benfica*, Virgílio Gonçalves Rapazote, presidente deste clube, os iniciados e cadetes masculinos de basquetebol da *Escola C+S D. Miguel de Almeida*, o *Centro de Recuperação Infantil de Abrantes*, a *Santa Casa da Misericórdia*, a *Associação Humanitária de Dadores de Sangue* do Tramagal e o inventor abrantino Manuel Lopes de Sousa.  
**Julho, 7** É constituída a *Sociedade A B – Karting de Teles & Carvalho, Ldª*.  
**Julho, 20** É constituída a *Sociedade Columbófila de Abrantes*.  
**Outubro, 20** Francisco Coimbra Dias é eleito presidente da direcção do *União Desportiva Rossienne*.

## 1996

**Janeiro, 6** São inaugurados o *Polidesportivo* e outras instalações da *Sociedade Artística Tramagalense*.  
**Março, 7** É constituída a *Associação Cultural, Desportiva, Recreativa da Chainça*, que inaugura a sua sede no dia 7 de Abril.  
**Março, 31** É lançada a primeira pedra para a construção do pavilhão polivalente do *Grupo Desportivo e Recreativo de Fontes*.  
**Outubro, 25** É inaugurado o complexo desportivo da Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes.  
**Outubro, 27** É realizado o *I Concurso de Saltos Nacional de Abrantes*, organizado pela ACPCAR – *Associação de Criadores e Proprietários de Cavalos do Alto Ribatejo*.  
**Outubro, 31** É fundado o *Clube de Ténis de Abrantes*.  
**Outubro, 31** É fundado o *Clube de Ténis de Abrantes*.  
**Outubro, 31/Novembro, 3** Realiza-se a iniciativa *Tramagal Cultural'96*, com diversas actividades culturais e desportivas.  
**Novembro, 1/3** A *Associação Cultural, Desportiva, Recreativa da Chainça* realiza a *I Exposição Ornitológica*.  
**Novembro, 28** É fundada a *Associação Cultural e Desportiva Clube Naval da Margem Sul* (Carvalhal).  
**Dezembro, 16** É constituído o *Rio Tejo – Clube de Pesca de Competição de Abrantes*.

## 1997

**Março, 15** O secretário de estado do Desporto, Júlio Francisco Miranda Calha, concede a medalha de bons serviços desportivos ao *Tramagal Sport União*.  
**Abril, 25** O secretário de estado do Desporto, Júlio Francisco Miranda Calha, preside às celebrações do 25 de Abril e inaugura o recinto *Polidesportivo Dr. Rogério Ribeiro* (antigo *Hóquei*).  
**Junho, 14** A CMA concede a António Santinho Mendes, campeão nacional e internacional de provas de velocidade e *rallyes*, a medalha de mérito desportivo e a António do Rosário Bandos (a título póstumo) a medalha de mérito cívico. As cerimónias oficiais do dia da cidade são presididas pelo secretário de estado do Comércio e Turismo, Jaime Ferrão Andréz.  
**Junho, 18** Realiza-se o contra-relógio inicial (prólogo) do *Grande Prémio Sport Notícias SIC/TSF*, em ciclismo.  
**Julho, 27** O secretário de estado da Juventude, António José Seguro, inaugura o *Kartódromo de Abrantes – Santinho Mendes*, no Rossio ao Sul do Tejo.  
**Setembro, 22** Inicia-se em Abrantes a prova de ciclismo *Volta ao Futuro*.  
**Outubro, 19** É inaugurado o campo de futebol de Sentieiras (S. Vicente).  
**Novembro, 8** O piloto António Santinho Mendes sagra-se campeão nacional absoluto de *todo-o-terreno*.

## 1998

**Janeiro, 17** O atleta do *Tramagal Sport União*, Ricardo Alves, bate o record nacional dos 200 metros em juvenis, na pista coberta de Espinho.  
**Março** O *Sporting Clube de Abrantes* conquista o título de campeão distrital de juniores de basquetebol.  
**Abril, 18** É inaugurado o campo de futebol da *Associação Desportiva e Cultural de Arreciadas*.  
**Maió, 3** A equipa de futebol dos *Dragões de Alferrarede* ascende à 1ª divisão distrital.  
**Maió, 10** São inauguradas as instalações do *Núcleo de Sportinguistas de Alferrarede*.  
**Julho, 25** A *Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Atalaia/Souto* e a Junta de Freguesia do Souto inauguram as instalações do espaço “*Ocupação dos Tempos Livres*”.  
**Setembro, 6** Realiza-se no Pego uma prova de perícia automóvel que conta para o campeonato nacional da modalidade.  
**Dezembro, 8** Realiza-se o *I Torneio de Futebol “Fundação de Abrantes”*, organizado pelo *Sport Abrantes e Benfica*.  
**Dezembro, 14** É constituída a associação *Abrantes Futebol Clube*. A sua apresentação pública ocorre no dia 4 de Janeiro.  
**Dezembro, 31** António Santinho Mendes e Armando Teles Fortes participam no Rally Granada/Dakar.

## 1999

**Janeiro, 10** Realiza-se o *I Cross Cidade de Abrantes*, organizado pelo *Tramagal Sport União*.  
**Janeiro, 11** Apresenta-se publicamente a associação *Abrantes Futebol Clube*.  
**Março, 26** Realiza-se a primeira assembleia geral da associação *Abrantes Futebol Clube* para a eleição dos seus primeiros órgãos sociais.  
**Junho, 12** A equipa de futebol de juniores do *Tramagal Sport União*, sagra-se campeã distrital da 2ª divisão.  
**Junho, 12** A equipa de futebol infantil da *União Desportiva Rossienne* conquista o título de campeã distrital da 2ª divisão.  
**Julho, 29** O secretário de estado do Desporto, Júlio Francisco Miranda Calha, procede ao lançamento da primeira pedra para a construção do parque desportivo de Abrantes  
**Agosto, 18** O piloto António Santinho Mendes recebe do secretário de estado do Desporto, Júlio Francisco Miranda Calha, a medalha de mérito desportivo.  
**Dezembro, 11** A Junta de Freguesia do Tramagal realiza a *I Grande Gala da Cultura e Desporto do Tramagal 1999*.



# VIVER ABRIL

Feito o registo histórico da Revolução e o retrato de como o concelho evoluiu em 40 anos, o “Passos” dá a palavra a cidadãos nascidos antes e depois da época fundadora da Democracia.

Do processo de consolidação da Democracia, o poder local é tido como uma das suas maiores realizações pela proximidade dos eleitos às terras e às suas populações.

José dos Santos de Jesus (Bioucas) é o primeiro Presidente da Câmara de Abrantes eleito democraticamente.

## José dos Santos de Jesus



### A SUA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA SOCIEDADE ABRANTINA

José dos Santos de Jesus, ou José Bioucas como gosta que o tratem, conversou com o Passos sobre o 25 de Abril de 1974, falando-nos com orgulho da determinação que foi necessário ter na época para que hoje haja em Abrantes obras emblemáticas como o Hospital Distrital ou a água vinda da Albufeira de Castelo do Bode, a Central Termoelétrica do Pego, a Creche e Jardim de Infância de Barreiras do Tejo ou ainda o CRIA (Centro de Recuperação e Integração de Abrantes).

Era um presidente que tinha “relutância em andar com os carros da câmara” porque “estava ali para servir” e por isso quando podia abdicava de chofer e andava no seu carro.

Aceitou o convite para dirigir os destinos deste Concelho com a certeza que ia dar o seu melhor, numa altura em que o facto de ser o presidente da câmara não o inibiu de participar na recolha do lixo num dia de greve ou em cavar valas, sempre em “benefício da população”.

Para os mais novos deixa uma mensagem que sempre teve presente, o slogan que utilizou nos seus cartazes: “A trabalhar é que a gente se entende”.

Aos nossos políticos pede que pensem em arranjar uma nova maneira em dirigir o nosso País para evitar os abusos a que se tem vindo a assistir.

Fui abordado por um militar major que me convidou para fazer parte da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Abrantes. O Movimento das Forças Armadas propôs o meu nome e de José da Silva Graça Vieira, convite que aceitei e mostrei a minha total disponibilidade para exercer o cargo.

Depois de serem aceites os pedidos de demissão do presidente e vice-presidente da comissão administrativa, Francisco Semedo e José Vasco respetivamente, foi a minha vez de aceitar o convite e assumir a presidência, onde me mantive até Janeiro de 1990, sendo eleito pelo povo em 12 de dezembro de 1976, nas primeiras eleições democráticas.

Apesar da minha dedicação, que sempre mantive na ação política enquanto independente pelo Partido Socialista, a admiração que nutria por Sá Carneiro (ajudei a criar o PPD em Abrantes) levou a que no período da minha escolha nas primeiras eleições tivesse havido algumas discordâncias.

A minha candidatura à Câmara Municipal foi pelo PS, como independente, pois foram os primeiros a convidarem-me para a lista. O PPD convidou-me mais tarde, já quando tinha assumido o compromisso com o PS, que honrei até ao fim.





## JOSÉ DOS SANTOS DE JESUS

PS (INDEPENDENTE)

Nasceu a 24 de março de 1928, em S. Vicente, Abrantes. Eng.º Técnico de profissão, para além da sua participação na Comissão Administrativa do Município, primeiro enquanto vogal e depois vice-presidente e presidente da Comissão, foi o primeiro presidente democraticamente eleito da Câmara Municipal de Abrantes nas eleições realizadas em 12 de dezembro de 1976. Exerceu as funções de Presidente da Câmara Municipal de Abrantes durante 4 mandatos até ao dia 3 de janeiro de 1990.

Naquela altura em que tudo era ainda muito incipiente, era vulgar que os autarcas mais audazes e ativos tivessem um maior sucesso na captação de novas obras junto do Governo. E foi isso que me levou a conseguir, com muito esforço e dedicação e contra muitas adversidades, que se construíssem em Abrantes o Hospital Distrital e outras obras como a água de Castelo do Bode, a Central do Pego, a Creche e Jardim de Infância de Barreiras do Tejo ou o CRIA.

Quanto ao Hospital, por exemplo, desloquei-me a Lisboa para em conjunto com outros responsáveis do Distrito reunir com Dr. Armando Bacelar, ministro da Saúde do I Governo Constitucional e trazer o hospital para Abrantes, num processo revestido de muita astúcia.

Com Palma Carlos, Diretor Geral da Hidráulica do Tejo, vi-me obrigado a defender a nossa posição e os interesses da população ao reclamar o abastecimento de água a partir da Albufeira de Castelo do Bode para Abrantes.

Na minha qualidade de autarca tive sempre como princípio um contacto muito direto com toda a população e participava ativamente em ações necessárias para o seu bem-estar. Sempre atendi toda a gente sem preconceitos políticos.

Dou como exemplo uma greve dos trabalhadores do lixo que durou cerca de 8 dias, deixando a Casa de Saúde, o Hospital e a Praça em estado de higiene inoportável. Depois de abordado pela população, que me acusava por aquela imundice, desafiei-os a acompanharem-me no dia seguinte na limpeza da cidade. E assim foi, às 17 horas vesti o fato de macaco e com os meus filhos João e José, acompanhados pela população que aceitou o repto, andámos na recolha pela cidade. Não me considero por isso um 'fura greves' como fui acusado, antes uma pessoa que se preocupava com a saúde pública e o bem-estar de toda a população.

Acho que o 25 de Abril foi uma grande conquista do povo português ao salvar a democracia e consolidá-la.

Eu sempre me preocupei com o bem-estar da população. Estou tranquilo e nunca me arrependi do que fiz. Acho, no entanto, que fui muito idealista, mas fiz o que pude, o que sabia, o que me deixaram e o que não deixaram, ficou por fazer.

O julgamento do que fiz pelo Concelho de Abrantes fica para os outros.

### Onde estava no 25 de Abril de 1974?

No 25 de Abril estava em Abrantes. Ao ouvir as notícias, apesar de não muito claras, apercebi-me que algo a nível de movimentos políticos se teria passado, numa clara tentativa em acabar com o regime em vigor. Mais tarde já me foi possível perceber melhor do que realmente teria acontecido nesse dia. Percebia-se que as pessoas estavam felizes, mas não foram muito efusivas as manifestações de alegria.

### Em termos de participação de massas, o verdadeiro 25 de Abril foi a 1 de Maio...

Sim, foi a 1 de Maio que se assistiu a uma manifestação bem organizada, com muitas pessoas, em que algumas delas falaram a partir do varandim do edifício da Câmara Municipal, na Praça Raimundo Soares, deslocando-se depois todos em massa para o Quartel do RIA.

### O que mudou nestes 40 anos?

O povo português com o 25 de Abril teve o fim da ditadura, passou a viver em democracia. Os eleitos passaram, na maioria dos casos, a ter direitos e capacidades para defender as populações e dar satisfação às suas necessidades básicas como o sistema de saúde, educação e infraestruturas. Foi aí que se viu uma grande evolução.

'Aceitei o convite para dirigir os destinos do Concelho com a certeza que ia dar o meu melhor.'

### O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

Logo no início do mandato tenho bem presente uma deslocação ao Souto quando me deparei com um cenário de pessoas já com alguma idade com cântaros à cabeça para ir buscar água, nem sei onde, pois não tinham ainda fontanários. Também numa ida ao Maxial de Além deparei-me com uma estrada em muito mau estado e sem condições nenhuma de circulação. Foi muito bom ter contribuído para que a população ficasse servida das necessidades básicas. O 25 de Abril teve aspetos negativos na formação da classe política, salvo raras exceções. Não se vê o amor à Pátria, vê-se sim os interesses pelos bens materiais.

### Em 40 anos, cumpriu-se Abril?

Fiquei satisfeito ao assistir à conquista da liberdade ao fim de 40 anos de ditadura e de poder ter contribuído para uma consolidação da democracia, o regime que me parecia o mais válido. Já nessa altura apreciava o regime de países como a Noruega, Suécia ou Dinamarca, com um estilo de vida muito bom. Passados agora 40 anos considero não estar em causa que a democracia é a melhor maneira para que todos se entendam. Cumpriu-se Abril sim, mas devemos acabar com os excessos, que há desde sempre, mas que agora são considerados um abuso.

### O 25 de Abril numa palavra.

No meio de tanta palavra que assenta bem resumo o 25 de Abril como muito bom para todos, que trouxe coisas muito boas como a liberdade, que funciona bem quando há responsabilidade.





# Abílio Dias Alves

APOSENTADO DA CARRIS  
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DO CENTRO SOCIAL, CULTURAL,  
RECREATIVO E DESPORTIVO DE ÁGUA DAS CASAS.  
INTEGROU A JUNTA DE FREGUESIA DE FONTES.

Logo após o 25de Abril deslocou-se às entidades competentes para que o fornecimento de eletricidade a Água das Casas avançasse. Foi-lhe dito que o projeto estava feito em conjunto com o Vale de Açor mas teriam que aguardar pois as câmaras estavam com muitos projetos. A energia elétrica chegou no início dos anos 80.

Só com a eleição do Dr. Humberto arrancaram com a obra de distribuição de água ao domicílio.

Quanto ao alcatrão chegou apenas no mandato do Dr. Nelson Carvalho e contou com a ajuda da população que pagou o alcatrão para as ruas secundárias.

## Onde estava no 25 de Abril de 1974?

Encontrava-me a trabalhar, em Lisboa. Era motorista da Carris e ainda fiz a primeira viagem desse dia, mas na segunda, quando cheguei junto à Praça do Comércio, estava um tanque a impedir a passagem. Pouco depois, recebemos ordens para recolher todos os autocarros.

## O que mudou em matéria de infraestruturas na sua aldeia?

Tanta coisa... logo a seguir ao 25 de Abril, fomos à EDP, à Rua Artilharia 1, em Lisboa, uma primeira vez, e depois à Avenida Fontes Pereira de Melo. Disseram-nos que o projeto de fornecimento de eletricidade a Água das Casas estava feito, que seria em conjunto com o Vale de Açor, mas que as câmaras estavam com muitos projetos em mãos, pelo que teríamos que aguardar. A energia elétrica chegou no início dos anos 80. Depois de criarmos a associação, iniciámos a realização de festas anuais, para angariarmos fundos. A primeira obra que fizemos foi um posto médico, ainda tivemos médico e enfermeiro uma vez por semana, durante meia dúzia de anos. Depois, continuámos com obras que procuraram sempre melhorar as condições de vida da população local, com a construção da sede da associação, bar e salão, alargamento de ruas e muito mais.

A aldeia precisava de água ao domicílio e, quando o Dr. Humberto Lopes foi eleito, fomos, em nome da associação cumprimentá-lo e fizemos-lhe sentir este problema.

O Dr. Humberto ligou imediatamente para os serviços e, depois de apurarem que o depósito tinha condições adequadas, arrancaram com a obra.

Apesar do alcatrão já chegar à entrada de Água das Casas, no interior da aldeia, a lama, no inverno, era um suplício. Já com o Dr. Nelson Carvalho na câmara, conseguiu-se fazer o asfaltamento das ruas da aldeia, mas, porque nunca ficamos à espera que nos deem tudo, a população, através da associação, pagou o alcatrão para as ruas secundárias, que custou mais de dois mil contos.

‘A primeira obra que fizemos foi um posto médico, ainda tivemos médico e enfermeiro uma vez por semana, durante meia dúzia de anos.’

## O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

A nível pessoal, trouxe-me de bom a melhoria das condições de trabalho e dos meus direitos como trabalhador. Para as comunidades, melhorou a proximidade das populações com os autarcas e os meios que estes passaram a ter para ajudar a desenvolver o país, em especial no interior.

Menos positivo, parece-me que foram as lutas que se travaram após o 25 de Abril, a falta de moderação que por vezes existiu e o mau aproveitamento de recursos que entretanto surgiram.

## O 25 de Abril, numa palavra.

O país precisava!





# Carlos Alberto Marchão

APOSENTADO

Da sua passagem pela Câmara ainda encontra obras acompanhadas por si, das poucas que foi possível fazer, como é o exemplo de um recanto que ainda existe na rua da barca onde no verão se continuam a fazer as tradicionais sardinhas e bailaricos.

Foi presidente da Junta de Freguesia de S. João e Vogal da Comissão Administrativa, onde detinha as áreas dos jardins, mercado, pessoal de limpeza, dava ajuda aos bombeiros e era também responsável pela gestão de conflitos com o pessoal.

Conta-nos situações complicadas com que lidou após o 25 de Abril que justifica resultarem dos excessos da época.

Mas a sua presença não foi apenas na política, também passou pela dinamização cultural como dirigente do Campismo de Abrantes, do Montepio Abrantino, do Sporting de Abrantes, do Benfica de Abrantes, do Orfeão de Abrantes, da Associação de Pesca de Abrantes e do Hóquei Clube de Abrantes.

## A SUA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA SOCIEDADE ABRANTINA

Fui por curiosidade a uma reunião no Convento de S. Domingos e acabei como Presidente da Junta de Freguesia de S. João.

A partir daí comecei a dedicar-me à política, nunca me manifestando muito, pois a minha profissão não permitia que tomasse partido junto de clientes.

Abrantes tinha muita população na época, resultado dos dois regimentos que tinha, o de Artilharia e o de Infantaria. Tinha bastante comércio, mas como não havia muita verba dispo-

‘Fui por curiosidade a uma reunião no Convento de S. Domingos e acabei como presidente de Junta de Freguesia.’

nível para obras não era possível fazer muito, fazia o que se podia.

Depois do 25 de Abril começámos em Abrantes a receber os retornados das colónias. Eu fiquei responsável por recebê-los e dar-lhes o apoio possível.

Fiz um inquérito a todos para saber das suas condições e poderem assim ser acompanhados. Montámos um espaço no Convento de S. Domingos e era a partir dali que eram cedidos os mantimentos necessários que íamos levantar a Lisboa, à Cruz Vermelha Portuguesa. Mais tarde criei uma comissão constituída pelos próprios retornados para fazerem toda a gestão pois não tinha oportunidade para isso.

Após o 25 de Abril, resultado dos excessos que se viviam, ainda tive alguns problemas com a gestão de algumas situações que envolveram funcionários. Houve um funcionário que retirou um portão do jardim do castelo e que foi trocá-lo por vinho. Outro que foi encontrado a utilizar uma máquina da Câmara para benefício próprio. Situações que fui resolvendo da melhor maneira que era possível na altura.

## Onde estava no 25 de Abril?

Na noite de 24 para 25 não me apercebi de nada. Apenas ao chegar ao emprego fiquei a saber do que se estava a passar.

## Em termos de participação de massas, o verdadeiro 25 de Abril foi a 1 de Maio...

Sim. Acompanhei toda a manifestação e sem dúvida que no 1 de Maio é que houve uma “explosão” da população que se reuniu no atual Largo 1º de Maio, deslocando-se depois para a praça da Câmara e que acabou no Quartel Militar.

## O que é que mudou nestes 40 anos?

Com o 25 de Abril houve uma “explosão”. A população começou a reivindicar tudo de uma forma descontrolada e algumas sem sentido. A partir daí começámos a assistir a inúmeras reivindicações por todas as freguesias, onde existiam muitas associações, clubes de futebol, casas do povo e rancho folclóricos. Enquanto presidente da junta de freguesia, após o 25 abril, comecei a atender muitos pedidos para os papéis para a reforma, uma reivindicação a que algumas pessoas tinham direito, outras nem por isso.

## O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

O espírito está completamente diferente. Houve excessos que não se conseguiram evitar. Com a liberdade as pessoas entraram em excessos que agora se estão a pagar.

## Em 40 anos, cumpriu-se Abril?

Acho que não. Ainda faltam umas coisitas. E agora depois de alguns excessos a que temos vindo a assistir resulta na pobreza que vemos.

## O 25 de Abril numa palavra.

Uma rosa que se abriu. Mantê-la aberta é que é difícil.





# Teresa Aparício

PROFESSORA DE HISTÓRIA APOSENTADA

‘No início da década de 70 vivi experiências pedagógicas inovadoras na Escola Preparatória D. Miguel de Almeida.’

Professora aposentada, viveu o 25 de Abril já a lecionar e em plena Lisboa, onde tudo aconteceu.

A sua experiência profissional na década de 70, em Abrantes, fez-lhe viver “experiências pedagógicas inovadoras na escola preparatória D. Miguel de Almeida”.

Também a reforma do ministro Veiga Simão trouxe à educação “uma lufada de ar fresco”.

## Onde estava no 25 de Abril de 1974?

Estava em Lisboa, a trabalhar na Escola Nuno Gonçalves. À tarde fui para a baixa e vivi em direto alguns dos acontecimentos desse dia.

## Em termos de participação de massas, o verdadeiro 25 de Abril foi a 1 de Maio...

Ainda em Lisboa, o 1 de Maio foi um dia inesquecível, onde assisti em direto à manifestação na Alameda e em que era visível a união das pessoas e a esperança no futuro.

## O que é que mudou nestes 40 anos?

A escola mudou muito nestes quarenta anos. Nos anos 60, no chamado então ensino primário as turmas tinham na generalidade mais de 40 alunos e reuniam frequentemente três ou até quatro anos de escolaridade. As aldeias não tinham água canalizada, luz nem saneamento básico e as escolas estavam mal equipadas. Os alunos não tinham apoio nos transportes, alimentação ou material escolar. No entanto, no início da década de 70 vivi experiências pedagógicas inovadoras na Escola Preparatória D. Miguel de Almeida devido sobretudo à ação do seu diretor, o escultor Vítor Marques e também de um corpo docente empenhado e esclarecido.

A reforma do ministro Veiga Simão estava também a começar a trazer à escola uma lufada de ar fresco, com uma nova maneira de encarar o ensino.

## O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

Houve muitas mudanças para melhor: os anos de escolaridade aumentaram e o abandono escolar, apesar de ainda existir, diminuiu drasticamente. As escolas de um modo geral estão razoavelmente equipadas, os alunos dispõem de uma boa rede de transportes e os mais desfavorecidos são apoiados na alimentação e no material escolar. No aspeto negativo refiro sobretudo a crescente violência existente em muitas escolas e o cansaço e desânimo de muitos professores devido sobretudo às suas difíceis condições de trabalho.

## Em 40 anos, cumpriu-se abril?

Há muita liberdade, sem dúvida, mas enquanto houver corrupção, fome e injustiças como ainda hoje há, Abril não se cumpriu.

## O 25 de Abril numa palavra.

Cravos vermelhos.





# Virgílio Rapazote

EX-DIRIGENTE DO BENFICA DE ABRANTES

Depois de um período de três anos como voluntário em Moçambique regressa a Portugal em 1973, altura em que já lhe “cheirava a 25 de Abril”.

Com a sua determinação que lhe é característica, Virgílio Rapazote diz-nos que, no seu entender, a principal missão do 25 Abril foi “fugir ao Ultramar”.

Numa comparação da história com os dias de hoje, reconhece que “nem o 25 de Abril conseguiu mudar a história. Os barões continuam a reinar e os miseráveis são cada vez mais”.

## Onde estava no 25 de Abril?

No dia 25 de Abril estava em Abrantes. A revolução não me surpreendeu. Tinha regressado de África em 73 e nessa época já sentia qualquer coisa de estranho. Fui militar durante cerca de oito anos, de onde mantive alguns contactos que, nessa altura me deram a perceber que algo se iria passar. Tenho uma perspetiva do que se passou naquele dia um pouco diferente. No meu entender a missão do 25 Abril serviu para fugir ao Ultramar, pois percebia que o que movia as pessoas para a revolução era o pânico em ir para Ultramar.

## Em termos de participação de massas, o verdadeiro 25 de Abril foi a 1 de Maio...

Sim. Assisti ao 1 de Maio na Praça Raimundo Soares, local onde está o meu café ainda hoje a funcionar. Presenciei inclusive algumas manifestações feitas no varandim da câmara que entendo um pouco despropositadas e demasiado efusivas.

## O que é que mudou nestes 40 anos?

Em matéria de desporto, fui dirigente associativo durante 28 anos e sempre me dediquei à formação, ao desporto e juventude. Em 1966/67 já pertencia ao Benfica de Abrantes. Quando regressei de Angola encontrei o clube fechado. Como o meu filho Paulo era jogador (júnior) do clube, na altura apercebi-me da existência de alguma indisciplina. Tendo sido convidado para treinador do clube aceitei de imediato e assim tudo começou. Reconheço que tive bons adjuntos o que me facilitou a tarefa de treinar uma equipa que a partir de 1973 se dedicou em exclusivo à formação, com uma ação espetacular, rodeado de gente muito séria como o Prof. João Paulo Milheiro Dias, o Prof. Rui Morais, o Pereirinha ou o vice-presidente Dr. João Viana Rodrigues. Na 1ª divisão distrital de Santarém chegamos a ter 4 escalões durante 10 anos. Infantis, iniciados, juvenis e juniores em que o pior resultado que tivemos foi um 5º lugar, ficando o clube durante muitos anos seguidos em 1º lugar. Mas sentia que os Abrantinos não tinham bairris-mo e não colaboravam. O apoio que tínhamos era da Câmara Municipal com a água e luz, ajudando o clube a ganhar incentivos para continuar num trabalho constante que, inclusive me trouxe alguns prejuízos no meu negócio pessoal.

## O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

Não acho que o 25 de Abril tenha tido muito sucesso. No aspeto social por exemplo. O único sucesso que teve foi dar-nos alguma liberdade, da qual muitos a aproveitaram para abusos e falta de respeito entre uns e outros. Quem usufruiu da liberdade não foi a classe média baixa, foi a classe média alta, inclusive o governo. Entendo que foi uma época em que os mais oportunistas aproveitaram as influências para reinar. Acho que os pobres não gozaram muito o 25 de Abril.

‘Para mim, a principal missão do 25 Abril foi para se fugir ao Ultramar.’

A liberdade de expressão foi um fator positivo, mas sinto que as pessoas não evoluíram e não a utilizaram da melhor maneira, evidenciando essa liberdade de expressão pelos meios mais despropositados e negativos. O que trouxe de bom foi as pessoas poderem viver à vontade. Quanto a mim, nunca senti a pressão de que se fala da PIDE. A missão da PIDE era evitar a manifestação de grupos que se juntavam contra o Estado. Malandros eram os informadores, pois em troca de dinheiro denunciavam pessoas por vezes sem razão, apenas por vingança pessoal. De conhecidos que tive na PIDE, ouvia por vezes o seu desabafo de que o que faziam era uma função ingrata, mas como instituição só defendiam a conspiração contra o Estado.

## Em 40 anos, cumpriu-se Abril?

Considero que passados 40 anos se poderia ter melhorado, mas entendo que se esbanjou demasiado e que não se seguraram as coisas e os oportunistas aproveitaram-se, continuando hoje a assistir-se a demasiada corrupção, que resulta de um fraco controlo do Estado.

## O 25 de Abril numa palavra.

O 25 de Abril foi um dia libertador. Deu-nos a oportunidade de expandir as nossas opiniões, continuando a achar, no entanto, que o que mudou foi apenas na abertura à linguagem, porque de resto não vejo mudanças em quem manda. É certo que passou a haver as eleições livres que nos primeiros anos aconteceram com alguma diligência mas que hoje já se assiste a um cansaço da população perante a ação do Estado. Considero que há uma ideologia comum para que tudo fosse mais justo e toda a gente vivesse melhor, mas tal não acontece.





# Amândio Mendes

EMPRESÁRIO

Amândio Mendes da Silva, já era empresário antes do 25 de Abril. Começou a trabalhar com o pai aos 13 anos, em Alferrarede. Subiu a pulso na vida e construiu o grupo Mendes, com três empresas nos ramos de transportes, construção civil e cerâmica. Em Abrantes, foi vereador na primeira câmara democraticamente eleita após o 25 de Abril de 74, eleito pelas listas do PPD/PSD, entre 1977 e 1980, sendo responsável pelas áreas das estradas e caminhos, parque de máquinas, oficinas e transportes coletivos. Anos mais tarde, em 2004, a câmara presidida por Nelson de Carvalho atribuiu-lhe a medalha de mérito económico. Homem simples, que dispensa a gravata, relativiza a mudança de sistema: “Eu não senti grandes diferenças do regime anterior para o regime de agora. Sempre falei e sempre trabalhei. Sempre disse aquilo que quis”, embora tivesse sido preso, “e bem, pela atitude que tomei”, antes do 25 de Abril, por conduzir sem documentos. “Agora é que parece que há muita gente que tem medo de falar. Usam meias palavras e desvios”.

## Onde estava no 25 de Abril?

Estava cá em Abrantes. A dobrar ferro no Casal dos Frades junto com duas pessoas. Soube do que se estava a passar pelo rádio.

## Em termos de participação de massas, o verdadeiro 25 de Abril foi o 1 de Maio...

Não dei por isso. No 1 de Maio é que normalmente havia manifestações de pessoas, principalmente na Metalúrgica Duarte Ferreira, no Tramagal. Em Portugal, após o 25 de Abril, as pessoas ouviam falar do Socialismo e achavam que toda a gente ia ficar rica e ninguém precisava de trabalhar. Mais tarde vieram a perceber o que era o socialismo. Aqui em Abrantes ainda se aplicaram algumas leis socialistas - socialismo para mim é sinónimo de coletividade - de coletivismo. A Câmara ainda vendeu terrenos para construção de casas com direito de superfície, ali quando se vai para as Barreiras do Tejo, naquele mon-

‘Para o país se desenvolver tem de haver trabalho e produção. As pessoas só triunfam se trabalharem’

te, junto ao Ciclo. Ou seja, ao fim de xis anos aquilo voltava novamente para o Estado. Depois as coisas foram-se atenuando e foram voltando ao que era antes.

## O que é que mudou nestes 40 anos?

No mundo mudou muita coisa. Tecnicamente é uma diferença como da noite para o dia. Máquinas, automóveis, estradas. Na minha opinião a grande viragem técnica em Portugal, foi antes, com a construção da Ponte Salazar. Eu vi nascer aquela obra. Toda a gente dizia que não se fazia porque não podiam passar os barcos por baixo. A ponte fez-se. Mudaram-lhe o nome e eu acho mal. Tudo evoluiu. Foi uma evolução global. Quem conheceu as técnicas de desenvolvimento da construção de casas, era diferente. A partir do momento em que começou a haver televisão, tudo se começou a desenvolver. Agora andam a ensinar as crianças a serem empresárias. Mas sem trabalho isto não pode andar. O Estado não tem nenhuma fábrica de fazer dinheiro para andar aí a dar às pessoas. A dar o mesmo aos que não trabalham e aos que trabalham. Para o país se desenvolver tem de haver trabalho e produção. E muitas vezes compensa-se quem menos produz. Não se compensa pelo mérito.

## O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

De bom foi o desenvolvimento no âmbito das infraestruturas e das acessibilidades. A tecnologia também trouxe muita evolução. Hoje, qualquer coisa se faz à distância. Politicamente, para mim, não houve diferença nenhuma. Fala-se em democracia mas eu não sei bem o que é a democracia. Eu não gosto desta democracia. É certo que é uma ferramenta que tem de estar sempre em evolução. Agora como está, há coisas muito boas mas também há coisas muito más, nomea-

damente na feitura de algumas leis que não estão adequadas ao desenvolvimento económico. Eu sempre fui cumpridor da lei mas acho que são injustas. A começar pela Constituição. Não concordo com ela. Devia ser mais justa e mais adaptada à realidade. Ser empresário é uma má escolha na vida. Só nos grande grupos, onde há monopólios a preços regulados é que as coisas podem correr melhor. Ou ser administrador numa empresa do Estado, mesmo que dê prejuízo a pessoa não é penalizada como é no setor privado. Possivelmente até é substituído, indemnizado e muda para outra. Dão prejuízo e nós todos é que pagamos. O país assim não se desenvolve. Ser empresário antes do 25 de Abril era mais simples. Havia menos burocracias. Era o tempo em que se utilizava o lápis atrás da orelha e não havia máquinas de calcular. O Estado tinha 375.000 funcionários e ainda tínhamos as províncias ultramarinas para administrar. Agora chegaram a quase 1 milhão de pessoas, com computadores e com papéis. Tem de se arranjar trabalho para essa gente. Eu concordo que todas as pessoas têm de ter emprego. É indiscutível. E têm de viver de forma razoável. Mas produzir para não ter efeito é mau. Eu, da parte dos serviços do Estado central, cheguei a ter de esperar 16 anos para resposta a um requerimento.

## Em 40 anos, cumpriu-se Abril?

A pergunta é muito inteligente mas é difícil para qualquer pessoa responder. Eu não sei para que é que fizeram o 25 de Abril. Se era para melhorar a vida das pessoas e eu lido com muita gente e vejo que as pessoas estão pobres, vivem com dificuldades. As pessoas habituaram-se a só quererem ter direitos. As pessoas que trabalham têm de ser reconhecidas. Há muita gente que fala do senhor Américo Amorim, um homem muito rico, mas esquecem-se que ele dormia aqui em Abrantes na pensão ‘Aliança’, foi aqui que começou a vida dele. O primeiro armazém de cortiça que ele criou está ali no Cabrito. Começou com três ou quatro trabalhadores. Foi um homem que trabalhou, fez por isso. E com a idade que tem, trabalha todos os dias. As pessoas só triunfam se trabalharem.

**O 25 de Abril numa palavra.**  
Diferente.



# Helena Bandos

PROFESSORA DE HISTÓRIA APOSENTADA  
E ENCENADORA

Quarenta anos depois do 25 de Abril, Helena Bantos, recorda com ironia alguns costumes da sociedade portuguesa vigente no Estado Novo (1933-1974). A encenadora do Grupo de Teatro “Palha de Abrantes” chegou à cidade no final da década de 60 e desafiou as regras sociais da época frequentando os cafés sem a companhia do marido. “A mulher era quase sempre mal vista por ir ao café sozinhoha”. A memória desse tempo levava-a a uma visão distante e muito quente em que entrou no mítico café ‘Pelicano’: “Levava um livro que estive a ler e mandei vir uma imperial e uns tremçoos. Estava num cantinho mas toda a gente pôs os olhos em mim e no meu atrevimento para a época. Apareceu a Dona Maria José Fontes que rapidamente me acompanhou na cervejinha”. Em 1974 era então professora de História na Escola Industrial e Comercial de Abrantes. Relata que antes do 25 de Abril “chegou a haver comunicados do diretor a dizer que os rapazes só podiam falar com as raparigas a 150 metros da escola”.

As mentalidades conservadoras estavam prestes a serem abaladas.

### Onde estava no 25 de Abril?

Estava em Abrantes. As notícias eram poucas. Só à noite quando a televisão emitiu o Hino Nacional, é que eu e o António Bandos no capacitamos que estava a acontecer qualquer coisa até porque passaram as primeiras imagens das ruas de Lisboa. O dia em Abrantes foi normal. Os meus filhos foram para o infantário e eu fui dar aulas. O diretor, o Dr. Américo Santos, estava de tal maneira assustado que não sabia se havia de fechar a escola. Nós aconselhámo-lo a manter a normalidade, até porque aquela hora não havia transporte para os alunos de fora da cidade. Houve uma situação em Abrantes que foi o açambarcamento de produtos nas mercearias. Houve gente que comprou não sei quantas garrafas de óleo e quilos de arroz. O pão esgotou ao final da manhã. As pessoas tinham medo do que pudesse acontecer e quem tinha dinheiro suficiente foi comprar. Nós não sabíamos de que lado é que vinha a revolu-

ção. Se era um golpe de extrema-direita ou se era de esquerda, se é que se podia falar de esquerda. Desde a primavera Marcelista que estávamos atentos. Percebíamos que o regime não ia durar muito mais tempo. Lembro-me de ter ido a Lisboa ver uma revista e aparecerem imagens do Presidente Américo Tomás em São Tomé e Príncipe e estranhar que o público ria à gargalhada. Era já uma falta de respeito pelo regime. E depois, na última comunicação pública do Marcelo Caetano em que se percebia alguma insegurança. E depois seguiram-se os dias em que andávamos eufóricos. Tínhamos fome de falar sobre tudo e mais alguma coisa. Na Escola Industrial passou-se uma coisa muito interessante. Havia um pátio para rapazes e outro para raparigas. A Ana Moreira, que era na altura lá aluna e hoje está ligada à ADACA (Associação de Defesa dos Animais do Concelho de Abrantes), com um grupo de colegas invadiram o pátio dos rapazes. E pronto. Os rapazes foram para o pátio das raparigas e vice versa. Era o sentimento da liberdade.

**Em termos de participação de massas, o verdadeiro 25 de Abril foi o 1º de Maio...**

Tal como aconteceu em muitas regiões do interior do país. Foi o grande momento. Esse grande momento veio do Tramagal. De lá vieram os sindicatos. Depois vieram as bandas filarmónicas. Foi uma grande festa com muita, muita gente.

## O que é que mudou nestes 40 anos?

A grande mudança na educação já se tinha dado em 1973 com o ministro Veiga Simão. É ele que tenta acabar com a discriminação e fazer a unificação entre Liceu e Escola Industrial com um tronco comum até ao 9º ano. Começou também a ser corrigida uma discriminação salarial entre os professores do ciclo, escolas industriais e liceus. Depois do 25 de Abril mantêm-se as reformas do Veiga Simão e massifica-se o ensino. Há um boom de entrada de alunos e professores nas escolas. Apareceram os sindicatos que tiveram um papel relevante para disciplinar o ingresso dos professores no ensino. Nós ainda não tivemos uma reforma do ensino que fosse estável. Cada ministro quer deixar o seu cunho pessoal. Depois não há continuidade. Quanto ao concelho de Abrantes, na generalidade, mudou do avesso. Eu vim para cá em 1966 e na relação com as pessoas notava-se que havia uma elite e havia os outros. Era uma sociedade muito fechada. Recorde-me que quando se realizaram as Jornadas Culturais, curiosamente toda a gente apareceu. Lembro-me

de ver o Cine-Teatro S. Pedro cheio de peles e lan-tejoulas. Toda a gente participou mesmo que muitos não tivessem consciência que aquelas re-alizações os ultrapassavam. Mas na verdade, de- pois de 74 ocorreu uma mudança para melhor. A cidade e o concelho mudaram muito com coisas muito positivas. Infelizmente hoje estamos a atravessar uma crise demográfica, transversal a muitas zonas do interior do país. Não nos pode- mos admirar que haja pouca adesão a algumas iniciativas. As pessoas passaram a residir fora do centro da cidade em consequência da revolução urbana dos últimos anos. A regeneração urbana é neste momento um grande desafio para o mu- nicípio. Culturalmente, também muita coisa mu- dou. Se bem que antes do 25 de Abril houvesse muita atividade cultural. Uma escola que teve um papel relevante no despoletar de acontecimentos culturais foi o Ciclo Preparatório e com muita aflu- ência de público. No final da década de 60 apare- ceu o cineclube, que vai trazer filmes que não es- tavam nos circuitos comerciais. Enchia sempre. Também é verdade que havia muita gente que ainda não tinha televisão e ela ainda não tinha esse papel. Nestes 40 anos muito mudou. Há muito mais associações culturais, diversidade de atividades mas temos um problema: temos me- nos público. As pessoas não saem de casa porque entretanto têm outras coisas. Só vão se aparece- rem as vedetas da televisão. Mas o mais impor- tante foram as mudanças de mentalidade.

## O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

Duas grandes bandeiras do 25 de Abril foram a liberdade, o podermos fazer o que quisermos de forma consciente e responsável e podermos escolher os nossos representantes. Mas também passamos a ter um bem-estar e a melhoria da vida das pessoas e o papel da mulher que se vai transformar porque passou a ser senhora de si. A mulher antes do 25 de Abril não podia ter conta no banco ou sair do país sem autorização do marido. Nos aspetos negativos não estou a ver, mas é um facto que as pessoas estão a ficar desencantadas porque não foi isto que nós sonhamos.

## Em 40 anos, cumpriu-se Abril?

Não. Cumpriu-se a liberdade. A igualdade nunca se vai cumprir.

**O 25 de Abril numa palavra.**  
Liberdade.

'Soube da revolução quando  
fui à praça comprar o pão.  
Foi a padeira que me deu a  
notícia'





# Manuel Dias

APOSENTADO

Com apenas 19 anos, Manuel Dias já desenvolvia uma intensa atividade política. De braço dado com a oposição ao regime do Estado Novo, em 1949, participou na campanha de Norton de Matos à presidência da República.

Antes do 25 de Abril, chegou a ter uma sede política no centro de Abrantes. “Não era permitido mas deixaram abrir”. Nunca foi perseguido pelas ações de resistência onde estava envolvido com outros companheiros “lembro-me do Mário Semedo e do Barata Gil”, mas um amigo de longa data, que na altura era polícia, avisou-o para ter cuidado porque o nome dele aparecia nas listagens da polícia política.

Em julho de 1974, faz parte do grupo de cidadãos que integram a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Abrantes com mandato até à tomada de posse da primeira Câmara eleita democraticamente, em 1976.

É eleito deputado à Assembleia Constituinte, em 1975 e rumo a Lisboa. Um ano depois, em 76, é eleito para a Assembleia Municipal de Abrantes pelas listas do Partido Socialista, do qual já era militante e fundador, onde esteve ao longo 36 anos, até 2013, com exceção para o mandato de 1990 a 1994. Aí sempre cultivou a simpatia e o respeito dos eleitos de todos os quadrantes políticos.

Democrata, republicano e laico, Manuel Dias, 83 anos de vida e uma memória invejável, é um adepto incondicional do 25 de Abril.



## Onde estava no 25 de Abril?

Às 09h00, estava em casa nesta sala onde trabalhava como alfaiate. Havia aqui um rádio para as raparigas ouvirem música. Apercebi-me nesse dia de manhã que estavam a passar música clássica. Isso não era hábito. Os tipos da rádio depois leram um comunicado do Movimento das Forças Armadas. Pediam à população de Lisboa que não fosse para a rua e mantivesse a calma. Mas o que aconteceu é que foi tudo para rua. O 25 de Abril de Abrantes foi calmo. Cumpriu-se mais um dia. O comércio, a banca e os serviços públicos funcio-

naram. O concelho era pouco politizado. Assim como Tomar. Em Torres Novas já era diferente. A exceção era no Tramagal, onde se concentrava uma importante força de trabalho por causa da Metalúrgica Duarte Ferreira. Nesse dia na cidade o que havia era conversa de rua para comentarmos que o regime tinha dado o berro. Eu já andava há anos na luta antifascista. Ia a reuniões na região e em Lisboa. Era contra aquela embrulhada. Queria era resistir e dizer não. Já nas eleições do Norton de Matos, em 1949, andava metido nisso, a meter papeis debaixo das portas.

**Em termos de participação de massas, o verdadeiro 25 de Abril foi o 1 de Maio...**  
Nos dias seguintes, até ao 1 de Maio, as coisas já foram de outra maneira. As pessoas falavam abertamente umas com as outras. Organizavam-se para comemorar o sucedido. Fez-se o contacto com o Tramagal que veio em peso para a cidade. Veio o Rossio. Veio Alferrarede. Atravessamos o centro da cidade e fomos para o edifício da Câmara. Há uma comissão *ad-hoc* constituída por várias pessoas, o Dr. Consciência, o Dr. Correia Semedo, o José Alberto Marques, o Jorge Lação que na altura estava a estudar em Coimbra e outros. Discursamos na varanda da Câmara. Depois fomos ao Regimento de Infantaria saudar os militares. Foi impressionante com tanta gente. Cantou-se *A Portuguesa* e ouviram-se muitos ‘Viva’. Havia cartazes improvisados e palavras de ordem.

**O que é que mudou nestes 40 anos?**  
Mudou muita coisa. Em Abrantes e no país. E há pessoas que têm dificuldade em entender isso. Onde é que estava o serviço de saúde antes do 25 de Abril? No Hospital do Salvador, aqui em Abrantes? E escolas? Havia escolas, é verdade, mas para a maioria da população mesmo que fizesse a 4ª classe, ficava por aí e ia aprender um ofício. Ofícios que hoje, diga-se, também já não aprendem. E portanto, há benefícios. Está completo? Não, não está. Veio o poder local. As Câmaras passaram a ser dirigidas por eleitos diretos pelo povo. Antes do 25 de Abril, quem mandava era alguém nomeado pelo governador civil. Perguntava-se, ‘oh senhor fulano quer ir para presidente da Câmara?’ Lembro-me de ainda ter contactado com o último presidente da Câmara de Abrantes antes da revolução. O Dr. Esteves Pereira, por quem até tinha muita consideração. Era sério e politicamente correto. Mas estava ali a estragar-se. Ainda por cima ganhavam muito mal. Depois do 25 de Abril, mesmo dentro dos partidos políticos, quem quisesse ser presidente tem de se candidatar

‘Os homens só fazem a guerra quando lutam pelas suas coisas, pelo seu chão’

e ir a eleições. A população é quem escolhe. Em Abrantes há uma modificação radical. Equipamentos sociais, culturais, desportivos, económicos. De onde é que vinha a água? Do Tainho. Agora vem da albufeira de Castelo do Bode. A água é boa e não falta a não ser em situações pontuais. E as estradas? Dezenas e dezenas de estradas asfaltadas. Então e quem é que não gosta disto? Nas terras, nas aldeias, as coisas estão melhores do que estavam dantes. Isso é o 25 de Abril. Não há nada na vida dos homens que seja totalmente positivo. Há sempre algo que está incabado.

**O que é trouxe de bom e de mau?**  
O 25 de Abril é a mudança. A sociedade portuguesa estava muito marcada por um ambiente de luto. A luta do país e dos militares, temos que falar sempre deles porque eles é que fizeram a revolução, era a guerra nas colónias. Não havia militares em número suficiente para fazer uma guerra que não nos dizia nada. Era uma guerra estúpida. A guerra colonial foi um problema terrível. A Salazar meteu-se-lhe na cabeça que éramos um país universal. O que é que um jovem soldado do Souto ia defender para a guerra em Angola? Os homens só fazem a guerra quando lutam pelas suas coisas, pelo seu chão. E o 25 de Abril faz-se muito contra esta guerra. E a minha luta e a dos de que andavam comigo também era contra a guerra. Íamos às aldeias e no grupo de pessoas que nos ia ouvir havia uma quantidade de mulheres carregadas de roupa preta. Eram viúvas ou mães que perdiam os filhos no ultramar. É claro que eu não estou satisfeito. Mas não consigo dizer que a democracia trouxe coisas más para o país.

**Em 40 anos, cumpriu-se Abril?**  
Acho que sim. Se não houver 25 de Abril acabem comigo. O homem tem de viver em liberdade e um homem para ser livre tem de viver em democracia. Se não houver liberdade não há democracia. Sem democracia há ditadura. Se há ditadura, isso é o que nós tínhamos antes. Tudo isto deve ser mantido.

**O 25 de Abril numa palavra.**  
O 25 de Abril foi e é um sorriso.





# Eurico Heitor Consciência

ADVOGADO

Diz-se imortal, por ter sobrevivido a 37 anos com Salazar e 40 anos em democracia. Viveu tempos inesquecíveis, em que todos os sonhos pareciam possíveis.

Foi um dos fundadores do Partido Socialista em Abrantes, professor por contrato, diretor do *Correio de Abrantes*, magistrado do Ministério Público e Notário, organizador das Jornadas Culturais.

Hoje continua a ser um defensor acérrimo da Liberdade, embora tenha uma visão profundamente pessimista do país.

Embora reconheça que há gente honrada no “meio disto tudo”, compara a atual classe política aos protagonistas da *Queda de um Anjo* e do *Conde d’Abranhos*.

## Onde estava no 25 de Abril?

Estava em Abrantes. A primeira recordação que tenho, e que nunca mais esqueço, é que ia entrar no escritório e o António Bandos diz-me que há uma revolução. Mas disse-me que era malta da direita, por causa das músicas que estavam a passar na rádio. Estavam a tocar a Grândola e as músicas do Zeca Afonso, e dizia-se que era a direita para disfarçar. Andámos toda a manhã a tentar perceber o que tinha acontecido. Já ninguém trabalhou, ficou tudo alvoraçado. Até que, entretanto, veio o comunicado das forças armadas. E consegui-se apanhar o Zé Alberto Marques que estava em Lisboa e tinha assistido a parte daquelas movimentações. Durante muitos dias, a gente nem dormia, nem comia, nem nada. Andávamos todos fora do mundo. Em termos de espanto popular foi uma coisa irrepetível. Representou uma transformação brutal nas nossas vidas e pensávamos que ía correr tudo bem.

‘O sentido de liberdade daqueles dias era uma coisa fantástica.’

## Em termos de participação de massas, o verdadeiro 25 de Abril foi a 1 de Maio...

Foram as forças vivas locais, porque a oposição era uma coisa quase inexistente (embora as pessoas que eram conotadas com a oposição clássica aparecessem no MDP/CDE, era uma oposição branda), e os moços do Liceu, o Geirinhas Rocha, o Lácio.

Foi uma coisa meio improvisada, apanharam aquela onda de alegria, de felicidade e foi uma coisa praticamente espontânea e com uma adesão popular enorme. Veio gente da cidade, das aldeias mais perto.

Os discursos falavam todos de alegria e liberdade. O sentido de liberdade daqueles dias era uma coisa fantástica.

## O que é que mudou nestes 40 anos?

Houve uma coisa formidável e que se mantém, que é a liberdade. Designadamente a liberdade de expressão.

O grande problema para nós não era a censura, mas a autocensura que fazíamos com medo da repressão. Embora de facto a repressão se exercesse essencialmente sobre os ativistas comunistas.

Só quem passou pela outra coisa é que se apercebe do valor que isto tem. É tão bom! As pessoas gostam de falar e viver em liberdade.

A autocensura travava-nos, coibia-nos, fazia-nos engolir sapos com o temor das possíveis consequências.

## O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

A revolução não foi revolução nenhuma, de início foi um golpe sindical. Os militares de carreira estavam desconfortáveis com a situação das promoções dos milicianos. Mas foi uma grande revolução em termos de adesão popular. Nem eles contavam, deve ter sido uma surpresa tremenda. No meu entender a única coisa que resta é a Liberdade e é tão bom. E tenho dificuldade em dizer o que mais foi bom.

Também trouxe o fim da guerra, o que foi ótimo, mas tinha havido o Maio de 68 e o mundo mudou muito.

A educação em qualidade perdeu. Está melhor no sentido que atinge muito mais gente. Antes do 25 de Abril, de uma maneira geral só estudavam os filhos dos Doutores e as classes privilegiadas.

O Serviço Nacional de Saúde, cuja sustentabilidade é questionável, e que já me tratou muito mal e muito bem, é algo de muito positivo.

As infraestruturas viárias também sofreram uma alteração brutal. Foi bom, mas foi mau porque Portugal se endividou a bordar a ponto de cruz, com autoestradas, o litoral do país.

O que me choca mais é a ganância dos políticos, que se instalou como prática corrente e legítima, e que vai alastrando a outras instituições de manifesto interesse público. Todos querem enriquecer, e rapidamente. E muitos roubam ou “desviam” fundos públicos.

## Em 40 anos, cumpriu-se Abril?

Não, definitivamente não, porque o poder, os diversos poderes, foram sendo controlados e dominados por oportunistas, quase todos medíocres. E a mediocrização da administração e dos partidos políticos levaram-nos ao que já sofremos e certamente padeceremos ainda...

## O 25 de Abril numa palavra:

Liberdade.





# Luís Feijão

COMERCIANTE

Trabalha no comércio desde os 18 anos. Inconformado e “incendiário”, provocador e ativista como só os jovens sabem ser, foi “militante” da LUAR, com um grupo de amigos. Queriam mudar o mundo.

Marcaram presenças nas manifestações. Pintaram a Liberdade em muitas paredes e denunciaram quem pertencia à PIDE noutras tantas. Ocuparam casas devolutas. Mantiveram um jornal de parede junto à atual Mango, onde colavam informação e faziam comunicados sobre a sua atividade política.

Participaram em sessões de esclarecimento sobre as mudanças, a liberdade e os direitos das pessoas. Pouco tempo depois da revolução, e em defesa do direito à informação, venderam livros antes proibidos pela censura - Marx, Lenine, Staline, entre outros - à porta do Liceu.

Diz que quem viveu o 25 de Abril passou a ter expetativas no futuro.

## Onde estava no 25 de Abril?

No dia 25 de Abril estava em casa a dormir e fui acordado pelo meu pai a dizer-me que tinha ouvido na rádio que tinha havido um golpe de estado. Apercebi-me do que estava a acontecer na altura, pois já tinha informações prévias. Na altura o centro da cidade era o Pelicano, um café onde os jovens se juntavam e falavam, embora não abertamente, sobre as questões como a guerra colonial e o regime. A informação chegava-nos através do jornal *A República* e daqueles que tinham estado na guerra colonial.

Na altura, já com 19 anos, tinha ido à inspeção em janeiro e estava na perspetiva de ir para África, mas o 25 de Abril veio trazer o fim da guerra e uma nova esperança no futuro.

‘Nós eramos mais ou menos uns ‘bota fogo’. O nosso grupo [LUAR] nunca se quis associar a nenhum partido, pois entendíamos que assim, sem líderes, tínhamos uma maior liberdade de ação.’

## Em termos de participação de massas, o verdadeiro 25 de Abril foi a 1 de Maio...

Sim, o 1º de Maio foi a junção de pessoas aqui no Largo da câmara, para onde se deslocou muita gente de todo lado e que se dirigiu para o RI2. Num tempo de unificação por uma causa comum, que era a liberdade, a manifestação do 1º de Maio foi, em Abrantes, das maiores a que se assistiram. O 25 de Abril deu a oportunidade às pessoas de se expressarem livremente, daí a que o povo tenha vindo em massa para essa manifestação.

Assim como muitos outros, também participei na manifestação. Na época eu já estava a trabalhar, mas muitos jovens que estavam já na faculdade vieram a Abrantes comemorar o 1º de Maio. Na ida até ao quartel as palavras de ordem foram ‘nem mais um soldado para as colónias’. O regime fazia questão de, com alguma honra e brio, fazer os desfiles dos batalhões antes de irem para a guerra. Como vivia junto ao atual Jardim da República assistia a esses desfiles. Sem dúvida que para os jovens e famílias a grande ameaça era terem que ir para a guerra, principalmente por aquilo que se ouvia dizer. Tenho um amigo que andou a estudar nos pupilos do exército e com 18 anos foi voluntário para a Guiné e quando regressou, disse-nos que foi colocado junto à fronteira e passado pouco tempo a fronteira já o tinha ultrapassado. O 25 de Abril foi uma vitória, também pelo fim da guerra.

## O que é que mudou nestes 40 anos?

Mudou muita coisa. Na saúde, na educação, ... A saúde mudou substancialmente e, em termos de consolidação, daquilo que as pessoas mais beneficiaram, foi sem dúvida na saúde. A educação, em termos abrangentes foi das coisas melhores, porque sem educação não há conhecimento, não há evolução. Considero a educação como uma prioridade, pois a educação é que leva à transformação das sociedades. Se foi bem cumprida ou não, isso ver-se-á no futuro.

## O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

Pondo nos pratos da balança o bom e o mau pesa mais o bom. Enquanto de mau, há mais corrupção.

## Em 40 anos, cumpriu-se Abril?

Cumpriu-se uma parte de Abril. Falta cumprir uma certa igualdade. Mas melhorou-se mesmo assim, apesar de não ter sido a totalidade do que estava previsto pelo 25 de Abril. As pessoas que votam devem ter a noção de que se não exercerem o seu direito de votar, não podem acusar os outros.

## O 25 de Abril numa palavra.

Futuro.



# Isabel Cavalheiro

PROFESSORA DE HISTÓRIA APOSENTADA

Em 1969, enquanto estudante em Coimbra, participou ativamente na greve dos estudantes. A tal ponto, que foi chamada a comparecer no Palácio de Justiça para prestar declarações, foi interrogada e esteve presa pela PIDE.

Rebelde, controversa, foi das primeiras mulheres a fumar e a usar calças em Abrantes.

Foi vereadora da Câmara Municipal de Abrantes, eleita pelo Partido Comunista e deputada municipal.

No que respeita à Igualdade de género e às conquistas de direitos pelas mulheres, considera que a emancipação foi feita por decreto, por lei e não pelo espírito das pessoas!

### Onde estava no 25 de Abril?

Estava em Abrantes, dei-tei-me relativamente tarde a ler o *Portugal e o Futuro*, do Spínola, e a ouvir rádio. De repente começou a tocar o Grândola, Vila Morena e pensei que aquele locutor possivelmente não ia dormir a casa nessa noite. E deixei-me dormir.

No dia seguinte, estava de serviço no Liceu a dar exames aos militares. Quem estava a vigiar o exame era eu e o Dr. Estrela que me perguntou logo o que é que eu sabia e me mostrou que estava armado. Dizendo que já tinha mandado o António, o funcionário da escola, comprar os jornais. Mas não havia jornais, na rádio só se ouviam marchas militares, e só muito à noite, quando a Junta de Salvação Nacional apareceu na televisão é que as nossas dúvidas se dissiparam. A nossa dúvida durante todo o dia era se era um golpe do Kaúlza, e portanto ultradireita, ou se era um golpe de esquerda.

‘Para mim a revolução dos cravos não passou de um golpe de estado, porque a verdadeira revolução só se dá se houver uma revolução de mentalidades.’

**Em termos de participação de massas,  
o verdadeiro 25 de Abril foi a 1 de Maio...**

Sem dúvida nenhuma.

Foi a maior manifestação que eu já vi nesta terra. Foi uma coisa espontânea, viemos para a Câmara Municipal e depois daqui alguém teve a ideia de ir até ao Quartel e foi toda a gente. Estava muita malta nova, mas também havia pessoas que sabíamos que eram afetas ao regime. Foi uma mola, uma massa humana que se criou. Lembro-me do Dr. Semedo, do Dr. Zé Vasco, do Dr. Vítor Marques na varanda da Câmara. O período entre o 25 de Abril e o 1 de Maio foi extremamente difícil, porque as pessoas serviram-se de ódios pessoais e de vinganczinhas, e era muito fácil chegar ao Quartel e dizer que fulano de tal é da PIDE.

## O que é que mudou nestes 40 anos?

A nível de poder local foi uma mudança de 180°. A Câmara não era eleita e o voto é a base de qualquer democracia. As primeiras eleições foram um dia de festa!

Para mim foi talvez a grande mudança.

A nível de educação também. O ensino é alargado a toda a gente, deixando de ser elitista. Há um historiador, aliás, que defende que a escola deveria ter fechado durante um ano, para se pensar o que se queria.

Ao nível do desporto é evidente. Novos desportos aparecem melhores infraestruturas para a prática desportiva. Na cultura também. Desde que haja liberdade de expressão tudo o resto aparece.

Na Economia estamos a ver o resultado destes 40 anos. Continuámos a não criar... houve alguma permissividade, muito facilitismo.

Ao nível da Igualdade de Género e emancipação da mulher, é uma realidade, embora muita gente não se aperceba disso. Aparentemente parecem emancipadas, mas continuam dependentes e submissas. Mais facilidade de educação e de acesso ao emprego por parte das mulheres, mas o mercado de trabalho também tinha de se adaptar a isso.

Para mim a revolução dos cravos não passou de um golpe de estado, porque a verdadeira revolução só se dá se houver uma revolução de mentalidades e isso não aconteceu. As mudanças de mentalidades são extremamente lentas.

## O que é que o 25 de Abril trouxe de bom e de mau?

De bom trouxe a liberdade, sem dúvida nenhuma! De mau acho que não trouxe nada. Passá-mos da noite para o dia.

## Em 40 anos, cumpriu-se Abril?

Abril ainda não se cumpriu e dificilmente se vai cumprir.

Porque as mentalidades não mudaram muito e porque não vivemos sozinhos, estamos numa fase de globalização é um facto e somos influenciados.

E esta geração, que nunca viveu em ditadura, sempre teve algum facilitismo e não soube aproveitar as oportunidades.

**0 25 de Abril numa palavra.**

Um raio de sol.





# As portas que Abril lhes abriu I

ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO

São filhos da democracia. Cinco jovens de Abrantes leram, ouviram, na escola com os professores ou em casa com os pais, não ignoram e falam desse momento da nossa história coletiva como um projeto de esperança. As utopias atravessam gerações. Com crise ou sem crise, sabem que o Portugal de hoje é mais bonito por fora, mais informado, mais desenvolvido.

Todavia, entre avanços e retrocessos, para estes cinco jovens, esta foi uma Revolução inacabada.

- 1.O que é para ti o 25 de Abril?
- 2.O que trouxe de bom e de mau?
- 3.O 25 de Abril numa palavra.

## Marcella Castellano

15 ANOS. ALUNA DO 10º ANO DE HUMANIDADES  
DA ESCOLA DR. MANUEL FERNANDES

- 1.Foi uma revolução que acabou com o regime ditatorial do Estado Novo e que foi liderada pelos militares.
- 2. Trouxe a nossa liberdade e deu-nos o poder de nos expressarmos sem sermos castigados. Mas ao mesmo tempo há uma falsa sensação de liberdade. Nós saímos de uma coisa muito má e passámos para uma coisa menos má. Ainda falta fazer muita coisa.
- 3. Revolta.

## João Silva

15 ANOS. ALUNO DO 10º ANO DE HUMANIDADES  
DA ESCOLA DR. MANUEL FERNANDES

- 1.É um marco importante da nossa história porque foi a passagem de um regime ditatorial para um democrático e trouxe-nos a liberdade que eu acho que é fundamental para o desenvolvimento de um país. Do meu conhecimento sobre a época, a vida dos jovens era bastante restrita. Nós agora temos a possibilidade de sermos um pouco mais diferentes, mais soltos, mais livres. E temos a capacidade de inovar o mundo e podemos fazê-lo.
- 2. A liberdade de expressão é óbvia. Mas o 25 de Abril trouxe uma diferença do 8 para o 80, ou seja de extremos. Não tínhamos liberdade nenhuma e passamos para uma situação em que se calhar até temos liberdade de mais e talvez por isso acontece agora uma crise de valores. Mas foi o 25 de Abril que mais tarde nos permitiu entrar de pleno direito na Europa, aproximarmos-nos dos outros Estados. Eramos um país no canto da Europa. Agora também somos, mas mais próximos do desenvolvimento.
- 3. Ganhar voz.

## Patrícia Catarino

16 ANOS. ALUNA DO 10º ANO DE HUMANIDADES  
DA ESCOLA DR. MANUEL FERNANDES

- 1.É a liberdade. Realmente temos a possibilidade de nos expressar e conseguirmos dizer o que está bem e o que está mal. Nós ouvimos falar do 25 de Abril na escola mas também, no meu caso, em casa com os meus pais e os meus avós. Os meus avós viviam no Rossio ao Sul do Tejo e eles contam que havia lá um senhor que desapareceu e depois soube-se que era da PIDE. Fiquei a saber como era a vida das pessoas. Nem se podiam juntar em grupos na rua. Aparecia logo alguém a dizer para circularem. E agora é completamente diferente. Ainda bem que aconteceu, mas depois não pensaram o que é que ia acontecer a seguir.
  - 2. O que trouxe de bom foi realmente a liberdade. Mas isso levou a que muita gente se aproveitasse dessa liberdade. Mas claro houve desenvolvimento, melhores condições de vida, tecnologia. E o que é facto é que ainda há pessoas que passam dificuldades. Nós vivemos em democracia mas há coisas que os políticos que nos governam não sabem tratar. Na ditadura, o Salazar foi mão de ferro mas ele conseguiu que vivêssemos bons momentos económicos. O país não podia viver numa revolução para sempre.
  - 3. Liberdade de expressão.
- ## Ana Marta Sousa
- 15 ANOS. ALUNA DO 10º ANO DE HUMANIDADES  
DA ESCOLA DR. MANUEL FERNANDES
- 1. A partir da altura em que as pessoas passaram a ter liberdade, passaram a ter uma palavra naquilo que era a vida delas e como é que elas queriam ser governadas. Quando começaram a ter direito de voto as eleições começaram a ser honestas. Antes do 25 de Abril as mulheres não votavam.
  - 2. Apesar de restringir muito a liberdade e de limitar muito a ação das pessoas é certo que nessa altura o país tinha muita ordem. As pessoas não podiam estar tão felizes como gostariam mas não havia abusos da liberdade.
  - 3. É um bocado difícil fugir ao cliché da liberdade. Acrescento: mudança.



# As portas que Abril lhes abriu II

ALUNO DO ENSINO SUPERIOR

- 1.O que é para ti o 25 de Abril?
- 2.O que trouxe de bom e de mau?
- 3.O 25 de Abril numa palavra.



**Micael Reis**  
23 ANOS. ALUNO FINALISTA DO CURSO  
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA ESCOLA SUPERIOR  
DE TECNOLOGIA DE ABRANTES

1. Conquistámos a possibilidade de expressar livremente a nossa opinião e de passarmos a viver num verdadeiro clima democrático. Passou a ser permitido à mulher viajar sozinha para o estrangeiro. A revolução dos cravos foi benéfica para Portugal, para os portugueses e pôs fim à ideia ridícula de que um país pode dominar o outro. Veio dar-nos a cada um de nós a liberdade e a oportunidade de decidir o que fazer com ela. A liberdade de poder votar no partido que considero que apresenta melhores propostas (coisa raríssima nos últimos 10 anos ou mais). Confesso que o 25 de Abril já teve mais significado para mim. Sempre fui uma pessoa ligada a causas que transpirassem democracia e sempre defendi que não há nada melhor do que viver em liberdade e poder usufruir dela em prol de um bem comum. Mas sinto que isso não tem acontecido nos últimos tempos. Sinto que vivo numa democracia falsa, de má qualidade (como os produtos das lojas chinesas) onde a “verdade” impera de forma adulterada por quem nos representa e onde há sempre espaço para a corrupção.



2. Há 40 anos partimos do zero e rapidamente evoluímos. A rede viária cresceu e o isolamento no interior do país diminuiu. As condições de vida aumentaram substancialmente e hoje somos um país com uma sociedade dita “moderna”. Mas não basta.

3. Vivemos dias muito difíceis. E isso é visível na cara dos quase 1 milhão de desempregados. É visível na cara da geração mais bem formada e que se vê obrigada a sair do seu país porque não estão a ser criadas condições para os manter cá e porque não há outra solução senão de darem o que de melhor sabem fazer a outro país. É visível na cara dos milhares de reformados e pensionistas que todos os meses vêm uma parte da sua reforma ou pensão a ser desviada para pagar uma crise que não criaram. Estamos muito perto de voltarmos a ser o que éramos há 40 anos atrás. É necessário reinventar o 25 de Abril. É necessário reinventar a democracia em Portugal.

# CRONOLOGIA

# 40 DATAS DE ABRIL

## EM ABRANTES

- 28.out.1968** Entra em funcionamento o Ciclo Preparatório.
- 18.set.1969** São aprovados os estatutos do Cineclub de Abrantes (1.ª sessão a 17 de novembro).
- 01.mai.1970** Iniciam-se as I Jornadas Culturais de Abrantes.
- 02.set.1970** Iniciam-se os I Jogos Juvenis de Abrantes.
- 18.out.1973** Sessões de propaganda eleitoral simultâneas da ANP (Cine-Teatro S. Pedro) e CDE - Comissão Democrática Eleitoral (Cine-Teatro de Alferrarede).
- 02.fev.1974** O jornal Correio de Abrantes suspende a sua publicação.
- 29.abr.1974** A CMA envia telegrama à Junta de Salvação Nacional, saudando-a e colocando-se ao seu dispor.
- 01.Mai.1974** Realiza-se uma manifestação cívica em que participam mais de 5 000 pessoas.
- 07.mai.1974** Reunião plenária no convento de S. Domingos para aprovação da Comissão Administrativa da Câmara Municipal.
- 8.jul.1974** O Partido Socialista local apresenta o seu programa para o concelho.
- 17.jul.1974** Toma posse a Comissão Administrativa da CMA, presidida por Francisco Correia Semedo.
- 27.jul.1974** Primeiro comício do Partido Socialista no Ribatejo, no Cine-Teatro S. Pedro, com a presença de Mário Soares.
- 04.nov.1974** Inauguração da sede do Partido Popular Democrático.
- 27.nov.1974** Tomam posse as primeiras comissões administrativas de juntas de freguesia.
- 15.jan.1975** É criada a Comissão Dinamizadora de Cultura e Desporto.
- 21.jun.1975** Eurico Heitor Consciência reassume o cargo de diretor do Correio de Abrantes.
- 16.jul.1975** O vereador Manuel Pereira Dias é substituído na Comissão Administrativa da CMA, por ter sido eleito deputado à Assembleia Constituinte.
- 15.out.1975** É instituído o feriado municipal no dia 14 de Junho.
- 03.dez.1975** É criada a Comissão Municipal de Apoio aos Retornados.
- 03.jan.1977** Entra em exercício a primeira Câmara Municipal democraticamente eleita, presidida por José dos Santos de Jesus.

## NO PAÍS

- 06.set.1968** Por motivos de saúde, Salazar é substituído por Marcelo Caetano na chefia do Governo.
- 17.abr.1969** Em Coimbra, desencadeia-se a Crise Académica.
- 26.out.1969** A ANP ganha as eleições para a Assembleia Nacional, integrando os deputados da “Ala Liberal”.
- 01.out.1969** Criação da Intersindical.
- 16.ago.1971** A Assembleia Nacional aprova a resolução que preconiza “maior autonomia para as Províncias Ultramarinas”.
- 04.abr.1973** III Congresso da Oposição Democrática, em Aveiro.
- 09.set.1973** Nasce o MFA.
- 22.fev.1974** Publicação de Portugal e o Futuro, do General António de Spínola.
- 25.abr.1974** [19h30 horas] Rendição de Marcelo Caetano.
- 26.abr.1974** Apresentação da Junta de Salvação Nacional ao país.
- 27.abr.1974** Apresentação do Programa do Movimento das Forças Armadas.
- 01.mai.1974** Manifestação do 1.º de Maio, em Lisboa, com cerca de 500 000 pessoas.
- 02. fev.1975** Início da Reforma Agrária.
- 11.mar.1975** Divisões profundas entre oficiais do MFA. A ala spinolista é levada a tentar um golpe de estado.
- 25.abr.1975** Eleições para a Assembleia Constituinte com uma taxa de participação de 91,7%.
- 13.jul.1975** Início do “Verão Quente”, com ações violentas contra as sedes de partidos e organizações políticas de esquerda.
- 11.nov.1975** Independência de Angola.
- 25.nov.1975** Militares chefiados por Ramalho Eanes põem fim à influência da esquerda radical, substituindo o “Processo Revolucionário em Curso (PREC)” pelo “Processo Constitucional em Curso”.
- 27.jun.1976** António Ramalho Eanes é o primeiro Presidente da República constitucionalmente eleito, com 61,5% dos votos.
- 23.set.1976** Tomada de Posse do I Governo Constitucional, chefiado por Mário Soares.



Não anoiteceu. Anoitecia  
Naquela noite fria.  
Mas quando a manhã abriu,  
A todo o mundo o seu véu,  
Ninguém disse que ele nascia  
... Que o dia já nasceu.

JOSÉ - ALBERTO MARQUES

